

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CAMPUS CIDADE DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE ÁREAS ACADÊMICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

MARCELENE DIVINA DE SOUZA CAMARGO CARDOSO

DE MARIA À BONECA DE PANO

**GOIÁS
2021**



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Marcelene Divina de Souza Camargo Cardoso

Matrícula: 20171100080299

Título do Trabalho: De Maria à Boneca de Pano

Autorização - Marque uma das opções

1. (X) Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. () Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. () Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- () O documento está sujeito a registro de patente.
() O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
() Outra justificativa: _____

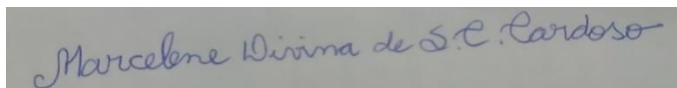
DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;

- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Goiás, 10 de março de 2021.

A rectangular box containing a handwritten signature in blue ink. The signature is written in a cursive style and reads "Marcelene Dirina de S.C. Cardoso".

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

MARCELENE DIVINA DE SOUZA CAMARGO CARDOSO

DE MARIA À BONECA DE PANO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Campus Cidade de Goiás, como requisito para a obtenção de grau na Licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Ma Flora Alves Ruiz
Co-Orientadora: Ma Miriam Helena Pires

GOIÁS
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Biblioteca
do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de
Goiás – Campus Cidade de Goiás

745.5

C266m

Cardoso, Marcelene Divina de Souza Camargo.

De Maria à boneca de pano / Marcelene Divina de Souza Camargo Cardoso
; orientadora, Flora Alves Ruiz; coorientadora, Miriam Helena Pires – Cidade
de Goiás, 2021.

92 f.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Cidade de Goiás, Departamento
de Áreas Acadêmicas, Curso de Licenciatura em Artes Visuais.

1. Artesanato. 2. Boneca de pano. 3. Ressignificação. I. Ruiz, Flora Alves,
orientadora. II. Pires, Miriam Helena, coorientadora. III. Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia. IV. Título.



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS

TERMO DE APROVAÇÃO

MARCELENE DIVINA DE SOUZA

DE MARIA À BONECA DE PANO

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Cidade de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de LICENCIADA EM ARTES VISUAIS e desenvolvido na linha de pesquisa História, crítica e curadoria em arte, sob orientação do Profa. Ma. Flora Alves Ruiz e coorientação da Profa. Ma. Miriam Helena Pires.

Aprovado em 11 de fevereiro de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

(assinado eletronicamente)

Profa. Ma. Flora Alves Ruiz (Presidente - orientadora)

(assinado eletronicamente)

Profa. Ma. Miriam Helena Pires (Coorientadora)

(assinado eletronicamente)

Profa. Esp. Renata Tavares de Brito Falleti (Membro Interno)

(assinado eletronicamente)

Prof. Dr. Flávio Gomes de Oliveira (Membro Externo)

Documento assinado eletronicamente por:

- Miriam Helena Pires, MIRIAM HELENA PIRES - 1311 - DIRETORES E GERENTES DE OPERAÇÕES EM EMPRESA DE SERVIÇOS PESSOAIS; SOCIAIS E CULTURAIS - SECRETARIA DE ESTADO DA RETOMADA (37992607000105), em 19/02/2021 15:07:14.
- Flávio Gomes de Oliveira, FLÁVIO GOMES DE OLIVEIRA - 332105 - PROFESSOR ASSISTENTE DE REGÊNCIA DE CLASSE - UFG (01567601000143), em 14/02/2021 13:26:11.
- Renata Tavares de Brito Falleti, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 12/02/2021 18:16:54.
- Flora Alves Ruiz, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 12/02/2021 18:01:46.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 12/02/2021. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 130906

Código de Autenticação: 0bcca99539



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Rua 02, Quadra 10, Lote 01 a 15, Residencial Bauman, Centro, CIDADE DE GOIÁS / GO, CEP 76600-000
(62) 3371-9057 (ramal: 9057)

Dedico a amada colega Jéssica Camargo, que esteve sempre ao meu lado contribuindo e servindo de inspiração, para a conclusão desta graduação.

Te amo “Filha da Mãe”!

AGRADECIMENTOS

À Deus pela oportunidade de realizar este trabalho dando-me, forças e sabedoria para concluir esta árdua jornada.

Às minhas colegas e amigas, Késsia Noleto e Mirian Thais, pelas caronas, carinho e incentivos que foram essenciais para o alcance dos meus objetivos. Amigas que me encorajaram quando pensei em fraquejar, amigas que dialogaram, riram e sofreram comigo tornando mais ameno esse período de construção acadêmica.

À minha orientadora, Flora Ruiz pela paciência e apoio nos momentos mais difíceis, sempre acreditando em minha capacidade e por contribuir no processo de transformação interna, um exemplo para minha vida.

À minha coorientadora Miriam Pires por contribuir intensamente no processo de indicações de leituras, elaboração e preparação desse trabalho.

À vizinha, Abadia Maria por informar e insistir para eu fazer o curso de Licenciatura em Artes Visuais.

A todos os professores e amigos que fizeram parte desta caminhada, a minha eterna gratidão.

Ao Psicólogo, Cristiano Antunes, por sua generosidade e tranquilidade ao ouvir e orientar, que me ajudaram a não me deixar desistir.

À Associação ASCORALINAS, pela contribuição para meu aprendizado, ajudando-me a reconhecer-me como mulher que possui pertencimento de mulher na sociedade com um lugar de fala na sociedade. Por apresentar-me a vida e a obra de Cora Coralina como exemplo de empoderamento feminino empoderamento, perpassando pela vida e obra da poetisa Cora Coralina e por me ajudar a ressignificar a história de Maria Grampinho.

Ao IFQ, pela oportunidade de fazer parte desta instituição possibilitando meu crescimento intelectual e pessoal como mulher preta que a partir de agora ganhou asas para alçar novos voos.

Agradeço aos pedaços de tecidos e linhas que me deixaram inteira, ressignificando minha vida.

"... temos o direito à ser iguais quando a diferença nos inferioriza e, temos o direito à ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades".

Boaventura de Souza Santos

RESUMO

A temática escolhida para desenvolver este estudo teve, como objetivo principal, possibilitar a ressignificação da imagem de Maria Grampinho como personagem cultural da cidade de Goiás. Para tanto, procurou-se identificar a influência que a poetisa Cora Coralina tem na preservação de sua memória, uma vez que dedicou a ela um poema: "Coisas de Goiás, Maria", no seu livro Vintém de Cobre, publicado no ano de 2001. O estudo ainda se propôs a questionar, se a boneca de pano encontrada hoje no artesanato local da Cidade de Goiás, representando a personagem, cuida de preservar e valorizar traços simbólicos que demonstrem respeito e reconhecimento pela memória da mulher negra Maria da Purificação, que deu origem a personagem. Procuramos, também, estudar a importância da boneca de pano na cultura lúdica infantil e suas influências para manter viva as tradições do saber/fazer ancestral por meio da oralidade. A existência de outras bonecas tradicionais tem igualmente um papel representativo em diversas culturas. A Metodologia utilizada para alcançar os objetivos propostos foi a pesquisa qualitativa com realização de entrevistas, pesquisa documental e de campo. Além disso, foi utilizado o método autobiográfico, pois a trajetória da autora influenciou diretamente nos métodos manejados e no resultado do trabalho.

Palavras-chave: Boneca de pano. Maria Grampinho. Ressignificação. Artesanato. Afetividade.

RESUMEN

La temática seleccionada para desarrollar ese estudio ha tenido, como objetivo principal, posibilitar la resignificación de la imagen de Maria Grampinho como personaje cultural de la ciudad de Goiás. Para eso, ha buscado identificar la influencia que la poetisa Cora Coralina tiene en la preservación de su memoria, una vez que dedicó a ella un poema: “Cosas de Goiás, Maria”, e su libro “Vintém de Cobre”, publicado en el año de 2001. El estudio aún ha propuesto a cuestionar, si la muñeca de trapo disponible hoy en el comercio de artesanía local de la ciudad de Goiás, representando el personaje, cela por la preservación y valorización de los trazos simbólicos que manifiesten respecto y reconocimiento por la memoria de la mujer negra Maria da Purificação, que ha dado origen al personaje. Buscamos, también, estudiar la importancia de la muñeca de trapo en la cultura lúdica infantil y sus influencias para mantener viva las tradiciones del saber/hacer ancestral, por medio de la oralidad. La existencia de otras muñecas tradicionales tiene igualmente un papel representativo en diversas culturas. La metodología utilizada para alcanzar los objetivos propuestos ha sido la investigación cualitativa con realización de entrevistas, investigación documental y de campo. Además, ha sido utilizado el método autobiográfico, pues la trayectoria de la autora ha influenciado directamente en los métodos manejados y en el resultado del trabajo.

Palabras-clave: Muñeca de trapo. Maria Grampinho. Resignificación. Artesanato. Afectividad.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Bonecas de Cora Coralina e Maria Grampinho	16
Figura 2 - Marcelene com a Boneca de Cora e outras bonecas de pano na Associação.	16
Figura 3 - História em Quadrinhos em tecido elaborada por Marcelene	19
Figura 4 - Capa do livro de Diane Valdez.	24
Figura 5 - Boneca Karajá - Ritxoko.	30
Figura 6 - Família de Bonecas Karajá.	33
Figura 7 - Bonecas Marafonas.	35
Figura 8 - Estrutura da boneca MArafona	36
Figura 9 - Boneca Abayomi.	38
Figura 10 - Bonecas Abayomi.	40
Figura 11 - Bonecas Matrioshkas.	42
Figura 12 - Bonecas Quitapesares ou Quitapenas.	45
Figura 13 - Foto de Maria Grampinho subindo uma das ruas de pedras da cidade de Goiás.	48
Figura 14 - Fotografia de Maria Grampinho	48
Figura 15 - Bonecas de Cora, Menino Verde, Maria Grampinho e Leodegária de Jesus	51
Figura 16- Cora Coralina	52
Figura 17 - Cora Coralina com Mercês Parente.	52
Figura 18 - Foto de Maria Grampinho tirada em janeiro de 1980.	55
Figura 19 - Foto de Maria Grampinho tirada em janeiro de 1980.	57
Figura 20 - Capa do DVD - filme De pássaros e infância: Maria.	62
Figura 21 - Mercês Parente com seu acervo de bonecas artesanais.	64
Figura 22 - Parte do acervo de Bonecas artesanais de Mercês Parente.	65

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. A BONECA E SUAS REPRESENTAÇÕES CULTURAIS	25
2.1 Bonecas Karajá (Ritxoko)- Brasil	29
2.2. Bonecas Marafonas - Portugal	34
2.3 Bonecas Abayomi - África	37
2.4 Bonecas Matrioshkas – Russia.	41
2.5 Bonecas Quitapesares ou Quitapenas - Guatemala	43
3 MARIA GRAMPINHO	45
3.1 Quem foi Maria Grampinho?	45
3. 2 A influência de Cora Coralina	52
4. CONCLUSÃO	68
REFERÊNCIAS	70
ANEXOS	72

1. INTRODUÇÃO

1.1 Minha história entrelaçada às bonecas

Habito na cidade de Goiás, tombada pela Organização das Nações Unidas para a Ciência, a Educação e a Cultura (UNESCO) como patrimônio mundial da humanidade. Cidade onde os valores imateriais têm uma representatividade maior, local em que o artesanato é uma das maiores fontes de sobrevivência das mulheres. Apesar da existência do Quilombo do Alto Santana, que foi reconhecido oficialmente pela Fundação Cultural Palmares em 10 de outubro de 2017, o município ainda não possui fontes de pesquisa seguras e de fácil alcance para a população com informações sobre as raízes negras e sua influência sócio/cultural no município. Confesso que tive dificuldades para reunir dados sobre este aspecto. Nas escolas por onde passei, os dados sobre a população negra na grande maioria, se resumem ao livro de história e seus marcos coloniais.

Como artesã, entre 2014 e 2016 fui convidada para participar de um projeto chamado Mulheres Coralinas, realizado pela prefeitura da cidade de Goiás com o apoio da Secretaria de Políticas para as Mulheres em parceria com o Centro Especializado de Atendimento à Mulher, Brasilete Ramos Caiado – CEAM – e Secretaria Municipal de Cultura de Goiás. O Projeto foi criado e coordenado por mulheres, dentre elas Ebe Maria de Lima Siqueira, professora da Universidade Estadual de Goiás – UEG, Goiandira Ortiz de Camargo, professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás – UFG, Elenizia da Mata de Jesus, coordenadora do CEAM e Selma de Oliveira Bastos Pires, professora e prefeita do município na época. O principal objetivo desse projeto foi o de tecer laços entre cultura, patrimônio, história, arquitetura, cultura popular e a poesia de Cora Coralina, promovendo autonomia intelectual, econômica financeira e empoderamento a mulheres de baixa renda, garis e educadoras. O projeto capacitou 150 mulheres em cinco módulos: bordado, confecção de boneca de pano, argila, fibras naturais, culinária tradicional e em especial um grupo de garis e educadoras para conhecerem também a vida e obra da poetisa Cora Coralina, poetisa nascida na cidade de Goiás. Finalizando a capacitação, montamos uma associação: ASCORALINAS, composta por 71 mulheres, também recebemos em regime de comodato, da prefeita professora

Selma Bastos, uma sala comercial no Mercado Municipal do Centro Histórico da cidade, onde comercializamos as produções.

Além do ganho financeiro, essas mulheres são estimuladas a desenvolver a autoestima e reinventar suas vidas. Para muitas de nós, a venda do artesanato é a única fonte de renda. Como é o meu caso atualmente. Este projeto mudou a minha relação com a cidade e com as pessoas que aqui vivem. Somos mulheres em situação de vulnerabilidade, tanto social como emocional, em uma cidade conservadora, o que não tira de nós o direito de frequentar os espaços de cultura como museus e teatro, além do direito a ter acesso a literatura.

O relato de Ebe Siqueira, uma das criadoras do projeto Mulheres Coralinas, em sua entrevista para essa pesquisa, que se encontra em anexo na íntegra, evidencia que

“O Projeto Mulheres Coralinas foi criado prioritariamente para atender as mulheres artesãs, doceiras e quitandeiras e teve como participantes mulheres garis e mulheres professoras. Todas são mulheres que participam da economia da Cidade de Goiás. As mulheres artesãs colocam a força criadora nas mãos, transformando a matéria informe em artesanato de bordados, bonecas, jarros, potes e tantos outros utilitários e objetos estéticos. Esses saberes das mãos amalgamam experiências dos mais velhos, narrativas da tradição, fazeres, que passam de mãe para filha e têm sido meio de subsistência para famílias que aprendem a vida em torno do tecido a ser bordado, do barro a ser modelado. [...] simbólico na vida de Cora Coralina, pois quando retornou à Goiás, em 1956, sua visão de mulher empreendedora e à frente de seu tempo, percebeu que o turismo poderia ser fonte de renda e começou a comercializar doces [...]. Todas são mulheres às quais damos o adjetivo coralinas, porque, assim como a poetisa, representam aquelas que lutam para construir a cidade justa por meio do trabalho, por meio dos seus fazeres (SIQUEIRA, 2021).

A partir desse projeto, e hoje como integrante da Associação, tenho elevado diariamente a minha autoestima e meu sentimento de pertencimento social. Aprender por meio da biografia de Cora Coralina e de seus poemas me iluminou a figura da Maria Grampinho, com a qual me identifico e passa a ser meu objeto de pesquisa. Outro fator importante desse projeto foi poder transmitir meus sentimentos de forma artística, na criação de produtos artesanais, associação ideal para o meu desenvolvimento como pessoa e profissional. Já trabalhava com artesanato antes, no entanto, com as bonecas vivo uma experiência única, parece que elas que fazem parte de mim, como filhas. Sinto a origem uma a uma no meu próprio útero.

De toda a minha capacitação, nesse projeto, o que mais me emocionou foi quando confeccionei a minha primeira boneca de pano, parece que resgatei toda a minha infância de dores e prazeres, fiquei completamente apaixonada, não acreditava que tinha confeccionado uma boneca sozinha. A boneca era um objeto do desejo, guardado nos meus sonhos, desde a infância. Em toda a minha vida eu nunca havia tido uma boneca de pano e nem pensando na possibilidade de fazer. Em todas as sociedades a boneca tornou-se um importante objeto do mundo infantil feminino em especial, e ganhou representatividade conforme afirma Mara Couto na entrevista cedida para esta pesquisa, “A representatividade das bonecas de pano para a mulher. Ocorre um resgate da criança presente no seu interior. Um sentimento de felicidade. A mensagem é que devemos sempre acreditar em nossos sonhos e seguir em frente, pois não vale desistir! O Feitiço é ser Feliz!” (COUTO, 2021).

Figura 1 - Bonecas de Cora Coralina e Maria Grampinho.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 2 - Marcelene com a Boneca de Cora e outras bonecas de pano da Associação.



Fonte: Acervo pessoal.

Daquele momento da criação da primeira boneca em diante, não parei mais. Foi tanto encanto que, seguramente, essa experiência me legou a identidade de bonequeira. Hoje sou, praticamente, a única dentro da Associação a fazer bonecas para a venda na loja, inclusive fui escolhida para fazer uma oficina online para ser veiculada por um projeto chamado "Aproximando distâncias", da Gol Linhas aéreas. Dirijo-me às minhas bonecas como "minhas filhinhas". São tão amadas, que fazem parte do meu cotidiano, de mim mesma, sendo raro o dia em que não estou produzindo bonecas, são momentos de vivência e emoção profunda.

Destaco que a produção de minhas bonecas não são apenas um meio para obter renda, e tampouco uma forma de terapia ocupacional. Constitui-se, sobretudo, como um trabalho pessoal de ocupação do meu espaço sociocultural como indivíduo na comunidade onde vivo, se configurando como um projeto de contraposição ao racismo. Vejo na confecção dessas bonecas, principalmente as negras, a possibilidade de contribuir em ações afirmativas para valorização do reconhecimento e representatividade da negritude.¹

Para isso em nossa pesquisa identificamos por meio de Kishimoto, que coincidentemente que a origem da boneca de pano no território brasileiro é africana:

Dessa forma, Kishimoto (1994) justifica a relevância de atentar para o estudo da boneca visto que ela pode servir às explicações de vida cotidiana, às transformações e conflitos vivenciados pelo humano. Apesar de a mesma autora relacionar a importância da boneca e mesclar com sua história e sua evolução, ainda vemos poucos dados que informa sobre a boneca de pano como objeto mensageiro de uma memória coletiva da cultura brasileira [...] Assim, de origem africana (KISHIMOTO, 1995), são encontradas em todo o território brasileiro, além de serem confeccionadas com materiais diversificados, nas traduções de bruxinhas de pano, bonecas de trapos e, mais recentemente na nossa história, com a boneca Emília, um dos principais personagens do escritor Monteiro Lobato (SOUZA; MELO, 2009, p. 2)

Igualmente me identifico com a fala da autora, pois é o que acontece comigo. Hoje, as bonecas já fazem parte da minha vida, não sei separá-las de mim; conto a minha própria história por meio delas, nelas estão contidas as minhas descobertas e emoções cotidianas; por meio delas me sinto parte da sociedade.

¹ <http://www.afreaka.com.br/notas/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/>

O envolvimento com a produção criativa, desde jovem, despertou em mim o desejo de cursar a Universidade. Assim que inaugurou o Campus cidade de Goiás do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, trazendo o curso de Licenciatura em Artes Visuais, em 2017, tive a oportunidade de ingressar como estudante. A participação nas disciplinas abriu um leque de conhecimentos na área, fato que agregou maior valor ao meu trabalho e despertou o interesse pelo desenvolvimento do trabalho aqui apresentado. Um exemplo disso foi o fato de desenvolver minha própria História em Quadrinhos na disciplina HQ e Animação ministrada pela professora Cristiane Alves. Esse trabalho levou-me à produção do texto onde relato minha vivência de infância, em seguida produzi, em texto, a história “Retalhos de Felicidade” em quadrinhos (HQ) de forma aberta, era para ser produzido como preferíssemos, assim confeccionei no tecido uma boneca de pano contadora de histórias para relatar minha história conforme destaco abaixo:

“Na bela e pacata cidade de Goiás, há meio século, vive uma mulher negra. Neta de lavadeira do Rio Vermelho que, em sua infância, nunca teve uma boneca de pano, como sua irmã mais velha e as outras crianças possuíam. Após alguns anos, ainda triste, agora com depressão, fez um curso de capacitação e aprendeu fazer bonecas. Entrou para a Associação ASCORALINAS e, com os versos da Poetisa Cora Coralina conta histórias através das filhas de pano, assim chamadas por ela. São as companheiras em suas noites de produção. A cada boneca pronta e entregue a uma criança ou adulto, são transmitidas memórias, conhecimentos, amizades e amor. Atualmente, em um mundo de alegria, vive essa mulher que a cada dia se refaz pelos tecidos, linhas, botões e encantamentos. Ela não viveu feliz para sempre, mas vive sempre tentando ser feliz!!!”

Marcelene (2019).

Figura 3 – História em quadrinhos em tecido elaborada por Marcelene.



Fonte: Acervo pessoal.

A temática escolhida para desenvolver este estudo trata da ressignificação da imagem de Maria Grampinho como personagem cultural da Cidade de Goiás por meio de uma boneca de pano que represente a personagem. Muitos questionamentos surgem a partir de tal temática, e chamo a atenção para deles: 1- A criação de uma boneca de pano representando a mulher negra Maria Grampinho, personagem cultural da Cidade de Goiás, poderá ressignificar a personagem, colocando-a em um lugar que lhe faça jus na história cultural do município? 2- Qual a importância de sua presença na comunidade? 3- Qual sua representatividade na vida de Cora Coralina? 4- A imagem dessa personagem que ficou gravada na memória cultural da população guarda similaridades com a mulher Maria da Purificação?

Essas questões são relevantes para entender tanto a trajetória de Maria Grampinho como os processos de produção de bonecas que representam tanto essa, como outras personagens que aparecem como objetos simbólicos, em forma de bonecas, que são representativos em diversas culturas

Nesse sentido, muito nos interessa saber como os processos de produção de bonecas artesanais se deram ao longo da história até chegarmos aos dias de hoje e, inclusive, constataremos que temos muito mais contato com as bonecas industrializadas, do que com as produzidas artesanalmente, na atualidade.

Sendo assim, temos como objetivo principal possibilitar a ressignificação da imagem de Maria Grampinho como personagem cultural da cidade de Goiás por meio desse estudo e da criação de uma boneca de pano que represente a personagem com maior valorização simbólica, além de reconhecer a importância da boneca de pano na cultura lúdica infantil; identificar a influência da poetisa Cora Coralina na vida de Maria Grampinho e produzir uma boneca que represente a personagem Maria Grampinho de acordo com o material pesquisado.

A Metodologia utilizada para alcançar os objetivos propostos foi a pesquisa qualitativa com realização de entrevistas, pesquisa documental e de campo sobre a vida de Maria Grampinho, análise e revisão da literatura selecionada. Além disso, foi utilizado o método autobiográfico, isto é, a autora não só faz uma pesquisa na área teórica, mas atua diretamente na área. Dessa maneira, a experiência da autora, influenciou diretamente nos métodos manejados e no resultado do trabalho, por meio da dialética da visão intersubjetiva, a relação da autora com o objeto pesquisado. Este novo método que considera as narrativas próprias suficientes para compor uma pesquisa legítima, podemos observar na análise que SANTOS e GARMS, fazem da obra de Ferraroti um dos autores mais conhecidos na consolidação dessa metodologia:

Ferraroti (2010)² é um dos investigadores que reivindica a autonomia do método biográfico, ou seja, considera as narrativas biográficas como suficientes para compor uma pesquisa legítima e aponta para a necessidade de uma renovação metodológica. As críticas à objetividade que caracterizaram as metodologias positivistas fizeram emergir uma metodologia alternativa: o método biográfico. As grandes explicações estruturais, construídas a partir de categorias muito gerais, não satisfaziam nem aos pesquisadores nem aos sujeitos pesquisados. Nesse sentido, o uso da biografia responde a dupla exigência. Primeiro, a necessidade de uma renovação metodológica provocada pela crise dos instrumentos heurísticos da Sociologia. As técnicas, embora cada vez mais sofisticadas, não correspondiam a nenhum crescimento real do conhecimento sociológico, daí a valorização crescente do método biográfico. Em segundo lugar, o método biográfico correspondeu à exigência de uma nova metodologia diante do “capitalismo avançado”, isto é, uma metodologia que respondesse à necessidade do concreto, para que as pessoas pudessem compreender sua vida cotidiana, suas dificuldades e contradições. Desse modo, o método

² FERRAROTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, M. (Orgs). O método (auto) biográfico e a formação. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010

biográfico foi concebido como a ciência das mediações capaz de traduzir comportamentos individuais ou micro sociais.³

O trabalho está dividido em cinco partes e um anexo, na primeira temos a apresentação da pesquisa, na segunda, intitulada 'A boneca e suas representações culturais', abordaremos os diferentes significados históricos, sociais e culturais da boneca nas diferentes culturas, incluindo a boneca Karajá de produção tradicional em cerâmica, a boneca Marafona de Portugal, a boneca Bayomi trazida da África nos navios negreiros, a boneca Matrioshka da tradição Russa e as bonecas Quitapesares ou Quitapenas da Guatemala. A ênfase da terceira parte, intitulada 'Maria Grampinho', está nas informações sobre a vida de Maria Grampinho, a importância de sua presença na comunidade da cidade de Goiás, a representatividade de Cora Coralina em sua vida e a importância da boneca negra de pano que a representa. Na quarta parte o leitor, a leitora encontrará a conclusão do trabalho e na sequência a lista das referências bibliográficas utilizadas na pesquisa. Por último, o trabalho apresenta, em anexo, as entrevistas, na íntegra, realizadas com os autores envolvidos.

Entre os autores selecionados utilizaremos duas pesquisas do Dr. Flávio Gomes Oliveira por ter estudado a vida de Maria Grampinho e relacionar a história oral com o patrimônio imaterial por uma realidade menos fantasiosa sobre sua vida e, por relacionar fatos que enriquecem o desenvolvimento do processo de estudo e criação desse trabalho. Tratam-se de duas obras com o mesmo título: *Patrimônio imaterial, história oral e stop-motion: animação de "Maria Grampinho"*. A primeira em formato de audiovisual, um documentário em animação e a segunda um trabalho de conclusão do curso de Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico, *lato sensu*, do Programa de Pós-graduação em Arte-PPG-Arte, Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

³ SANTOS, Hellen Thaís Dos, GARMS, Gilza Maria Zauhy. Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores. II Congresso Nacional de Formação de Professores XII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores. Acesso em 10/01/2021. http://200.145.6.217/proceedings_arquivos/ArtigosCongressoEducadores/364.pdf

Pesquisamos na tese de Doutorado de Cristina Helou Gomide, intitulada *Antiga Vila Boa de Goiás – Experiências e Memórias na/dá Cidade Patrimônio*, apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 2007, que aborda a história patrimonial da Cidade de Goiás e avalia Cora Coralina tanto como moradora local, quanto como referência cultural, uma vez que existe uma relação entre ela e Maria Grampinho, bem como vinculando-as ao poema “Coisas de Goiás: Maria”, escrito por Cora Coralina em homenagem à mesma.

Usaremos da obra bibliográfica *O que teria na trouxa de Maria* de Diane Valdez, pois, além de contar a história de Maria que viveu na contra visualidade, nos leva a reflexões sobre o mistério existente por trás da trouxa que Maria carregava pelas ruas da cidade. Recorreremos ao conteúdo do filme “De pássaros e infância, Maria” de Marina Siqueira, por despertar a nossa imaginação sobre como foi a infância da mulher que viveu nas ruas de Goiás e no interior da casa de Cora Coralina.

Selecionaremos dados do artigo “Descobrimos o Lugar da boneca de pano na cultura lúdica brasileira” de Roselne Santarosa de Souza, que retrata a boneca de pano como um dos objetos lúdicos mais apreciado pelas crianças por aproximar e fazer conexão com a história real da humanidade.

Apoiaremos nosso estudo, ainda, na publicação “Que boneca é essa? Corte e recorte de mestras brasileiras”, fruto das pesquisas de campo de Macao Goés e Graça Seligman. O livro retrata a história de tradicionais bonecas de pano artesanais produzidas por mulheres artesãs, com idade entre 50 e 90 anos, consideradas mestras brasileiras do corte e recorte, que, conforme as autoras, com suas sensibilidades colocam alma em panos surrados.

Reconhecemos que essa proposta é de suma importância como pesquisa histórica, social e cultural, além de apresentar grande pertinência no campo do artesanato e das Artes visuais, ajudando a contribuir com a preservação da tradição do lugar, uma vez que Maria Grampinho faz parte da história dessa Cidade. Nossa proposta é a de reinventar a personagem Maria Grampinho, com intuito de dar ênfase a uma narrativa que se propõe a dar visibilidade a vida de Maria da Purificação, mulher negra que viveu por vários anos como andarilha diariamente pelas ruas da Cidade de Goiás. E segundo depoimentos de antigos moradores, recolhia-se ao anoitecer ao

interior da casa de Cora Coralina. Ao longo das pesquisas identificamos a necessidade de estudos relativos à história dessa afrodescendente, que poderiam ajudar a agregar na boneca, valores históricos dos nossos ancestrais. A boneca, como objeto simbólico, poderia transformar-se em elemento central na formação identitária de uma mulher de origem negra. Dessa maneira, acreditamos que podemos colaborar com uma vasta comunidade de pessoas negras formada por habitantes dessa localidade, carentes de sua própria história e, portanto, de sua identidade o que dificulta sua ocupação social merecida. O estudo da Maria Grampinho poderá ser um meio de reconhecer outra versão da história por meio da nossa narrativa. Nosso trabalho abraça uma causa social ao mesmo tempo que serve de abraço para as crianças afrodescendentes.

Figura 4 - Capa do livro de Diane Valdez.



Fonte: Acervo pessoal.

2. A BONECA E SUAS REPRESENTAÇÕES CULTURAIS

Desde a antiguidade a boneca surgiu como um artefato tão antigo quanto a própria civilização. Acreditamos que ela se transformou em um instrumento ativador da construção da mulher na sociedade. É um símbolo lúdico onde a criança brinca, aprendendo o seu lugar na sociedade e se transforma também em uma ferramenta do desenvolvimento afetivo, onde a criança imita o tratamento recebido pela mãe na boneca. Aires (1981), citado por Souza (2009) é um dos autores que desenvolve esse pensamento:

No caso da boneca sua principal função sempre foi a de servir aos movimentos lúdicos que servem à experimentação de papéis sociais, muito comumente o das meninas imitando a situação de maternagem. No entanto, ao percorrer seu histórico, a vemos figurar como informante de mudanças na moda, nos penteados e em maquiagens em um período longo da história europeia. Primitivamente, encontramos a boneca como instrumento religioso quando ela serviu como suporte para cerimoniais fúnebres (AIRÈS, 1981). Kishimoto (2002) comenta que algumas crianças indígenas brasileiras utilizam essa tradução de boneca como ídolo de adoração, pois ela evidencia as divindades, assim como encontramos a boneca servindo aos mesmos propósitos na Antiguidade (culto a divindades, elogio aos guerreiros, enterrados junto às crianças em túmulos). (SOUZA; MELO, 2009, p.3)

Em certas culturas indígena brasileiras, a boneca assume um papel de ídolo e serve de elo entre o mundo terrestre e sobrenatural, assim a criança se sente segura no universo. É símbolo de proteção tão forte, um amuleto de proteção que acompanha a criança na sua vida e após a morte em seus túmulos como identificamos no texto de Souza (2009), que cita ainda a afirmação de Manson (2002) sobre sua utilização em rituais de fertilidade e casamentos como forma de garantir a sobrevivência da espécie.

A boneca também foi amplamente utilizada para os rituais de fertilidade e casamento na Antiguidade. As jovens ofertavam as bonecas às divindades nos templos nos quais realizavam pedidos não só de fertilidade, mas também de casamento e amor (MANSON, 2002). As bonecas são para algumas comunidades indígenas símbolos utilizados durante a gravidez, período em que as mulheres amarram uma boneca junto à cintura (AMADO, 2007). (SOUZA; MELO, 2009, p.3)

Em nossa pesquisa, foi surpreendente e emocionante descobrir que meu interesse pessoal de desenvolver o trabalho envolvendo a cultura negra de minha

cidade foi a revelação de que a história da boneca de pano brasileira tem origens africanas. Desde esse momento compreendi realmente o valor da pesquisa para a população negra, onde me incluo.

As bonecas de pano que serviram às práticas lúdicas foram trazidas pelos negros e aqui assumiram novas feições, servindo como modelos para as traduções que surgiram. No estudo sobre o trabalho de designers do brinquedo no Brasil, Mefano (2005) também busca as origens deste objeto no país e encontra a boneca de pano como um dos objetos lúdicos pioneiros no processo de industrialização do brinquedo nacional (SOUZA; MELO, 2009, p. 4)

Até mesmo a origem da boneca industrializada no Brasil surgiu a partir da boneca de pano. Mesmo com o surgimento da boneca industrial a boneca de pano não perdeu seu papel e importância na sociedade devido à forte prática artesanal que conserva a cultura como forma de resistência, principalmente nas comunidades quilombolas, como é notório na cidade de Goiás.

Em resposta a entrevista, Ebe Siqueira enfatiza a importância e permanência da boneca de pano na vida das crianças contemporâneas

“A boneca de pano é uma tecnologia lúdica que nunca será superada porque guarda uma história de afetividade e singeleza. Mesmo que não existam bonequeiras profissionais, sempre haverá uma mãe ou avó amorosa, que se disporá em fazer com as próprias mãos o objeto do desejo de meninas e meninos, que já nascem com instinto da maternagem e paternagem”. (SIQUEIRA, 2021)

Mesmo com a grande produção da boneca industrializada e a invasão das bonecas plásticas no mercado e nas residências, a boneca de pano não perdeu seu papel e carrega intrinsecamente a afetividade e valores culturais. Geralmente são confeccionadas por mães, avós, tias ou artesãos que procuram difundir os valores culturais, como no meu caso. A boneca de pano ativa a exploração e o prazer tátil da criança. Geralmente é produzida em cores atraentes e tecidos maleáveis e agradáveis ao tato e com diferentes texturas, sendo possível ser um objeto que acompanha, carinhosamente, o sono das crianças sem causar danos a sua delicada pele infantil. Servindo dessa maneira a função de despertar a afetividade e segurança à criança, representando a presença feminina a qual está vinculada desde o útero.

... Brougère (2000) afirma que materiais maleáveis como a pelúcia permitem a exploração tátil e de sentidos que brinquedos produzidos em material como

a madeira, por exemplo, não admitem. Nesse caso, um brinquedo de plástico ou madeira não evoca na criança o mesmo suporte afetivo que brinquedos feitos em pano, com enchimento acrílico, em veludo etc. Assim, podemos inferir que a cultura lúdica da criança é distinta desde seu nascimento até quando atingir uma faixa etária na qual as crianças iniciam seu interesse aos apelos do universo da moda, da beleza. É possível que as bonecas feitas em pano não encontrem o mesmo aceite entre meninas de sete aos doze anos, sendo essa talvez mais influenciadas por bonecas tipo Barbie ou bonecas manequim como chamadas por Brougère (2000). (SOUZA; MELO, 2009, p. 6)

Dessa maneira a boneca de pano faz parte da primeira infância, principal fase do desenvolvimento da criança, onde são formados seus principais valores, que a acompanharão por toda a vida, a partir dessa idade a criança passa a absorver valores sociais da cultura, do mercado e da moda, ou seja se ela teve a companhia da boneca de pano em sua principal fase, assim, guardará com mais intensidade seus valores por influência da moda transmitida pela mídia atual.

Ainda em Brougère (2000), podemos afirmar que a dimensão material do brinquedo comporta a dimensão cultural de uma sociedade, e é através da interação da criança com o objeto lúdico que ela inicia sua socialização. O brinquedo serve como suporte afetivo das brincadeiras, outrora sendo confeccionado pelas mãos dos adultos próximos da criança, como aponta Porto (2008). Essa autora afirma que o processo de fabricação de brinquedos e especialmente da boneca servia como um momento de socialização entre adultos e crianças, em alguns casos, os objetos eram fabricados conjuntamente entre ambos, além disso, acrescenta-se que os pequenos iniciavam seu contrato com os materiais de trabalho dos pais e adultos de seu grupo social pela via do reaproveitamento dos restos materiais do trabalho. Em um tempo onde a ludicidade foi, como aponta Manson (2002), vista como opositora do trabalho, ou seja, carregada de futilidade, de frivolidade, a fabricação dos objetos lúdicos era feita apenas com a sobra do trabalho, pois os pequenos deveriam ser treinados para seguir o trabalho familiar (ARIES,1981). (SOUZA; MELO, 2009, p. 6)

Dessa maneira identificamos o valor sociocultural de um artefato em uma comunidade, a boneca pode representar uma atividade que une a família em um saber fazer que costura tecidos, diferentes cores, memórias, valores, afetividades, bordando novas visualidades dentro da própria família e para a sociedade. O artefato artesanal quando realizado pela família, instaura as relações interpessoais dentro da família e com o próprio artefato e propicia a essa família outra relação, com mais autoconfiança dentro da comunidade.

As investigações sobre a boneca de pano nos leva a realizar uma busca aos seus primórdios em suas possíveis traduções nas diversas culturas para

posteriormente aportar no Brasil e assumir os contornos atuais. [...] No caso da boneca, são inúmeros os modelos que ela assumiu ao longo de sua existência iniciando com os protótipos em argila e terracota, passando pelos confeccionados em tecido, em palha, em bucha vegetal até com materiais altamente industrializados (SOUZA; MELO, 2009, p. 3).

Seguindo e ampliando nossa investigação nos interessamos pela representação da boneca em outras sociedades, como as bonecas de origem karajá, portuguesa, africana, russa e da Guatemala.

Segundo nossa pesquisa a boneca é um objeto presente desde sempre na maioria das culturas, em todas as épocas sendo confeccionada por vários povos, evoluindo, contando histórias, sendo mensageira de cultura, memórias, agregando valores ao imaginário de um povo. Vamos aqui narrar brevemente sobre alguns exemplos de bonecas representativas de culturas distintas. Encontramos registros da produção de bonecas no Brasil desde muito antes da chegada dos portugueses ao território brasileiro. Bonecas ameríndias eram produzidas com simbologias culturais desses povos. Entre elas podemos citar o exemplo da boneca Karajá, também conhecida como “Ritxoko”, da qual faremos um breve relato.

2.1 Bonecas Karajá (Ritxoko)- Brasil

Produzida em cerâmica na região do rio Araguaia pelos índios da etnia Karajá e, contendo uma identidade própria. Trazem em seus corpos grafismos referenciando idade, gênero e ciclo da vida dos indivíduos da aldeia, ou seja, simbolizam a memória das práticas cotidianas dessas comunidades. Silva (2005), em seu texto “Modos de fazer Boneca Karajá, circulação de conhecimento e a construção do território”, relata ainda que, a aldeia de Santa Isabel do Morro, localizada na ilha do Bananal, estado do Tocantins, é considerada como um centro simbólico do saber fazer dessas bonecas.

É das margens e barrancos do Araguaia, Berohoky – o grande rio -, que as primeiras oleiras e as atuais de Santa Isabel do Morro coletam o barro para modelar as figuras humanas, mitológicas e pequenos animais denominados ritxoko. Segundo as narrativas, a confecção das bonecas, primeiro em cera de abelha e posteriormente em barro, se originou da fabricação de brinquedos modelados por avós e tias e presenteados às meninas (SIMÕES, 1992; CAMPOS 2007; WHAN 2008; LIMA, et al 2011). As denominadas “famílias” que representam os integrantes de uma família extensa. O formato das bonecas e o grafismo inserido em cada uma delas marcam classes de idade, gênero e a fase do indivíduo no ciclo de vida. As famílias de bonecas, no cotidiano das crianças em Santa Isabel do Morro, articulam práticas lúdicas e de socialização. As diferentes séries de bonecas que representam os seres mitológicos, as atividades tradicionais realizadas por homens e mulheres em suas vidas na aldeia e práticas ritualísticas como enterro, parto, a dança de Aruanã configuram, através dos objetos, a memória coletiva do grupo. Como a confecção das bonecas acontece no espaço doméstico, a fabricação destes objetos é acompanhada pelas crianças - no caso as meninas- que desta forma aprendem a modelar o objeto e com ele os mitos que configuram a identidade do grupo. (SILVA, 2005, p. 5)

Vale ressaltar que para os indígenas não existe essa divisão territorial da nossa geografia, os karajá do estado do Tocantins e estado de Goiás são os mesmos. Em janeiro de 2012 o Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, aprovou o Ofício e os Modos de fazer das Bonecas Karajá como Patrimônio Cultural do Brasil. Mostrando a importância desse artefato para a nossa sociedade.

Figura 5 - Boneca Karajá - Ritxoko.



O Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural aprovou, nesta quarta-feira, dia 25 de janeiro, o Ofício e os Modos de Fazer as Bonecas Karajá como Patrimônio Cultural do Brasil. A proposta foi apresentada ao Iphan pelas lideranças indígenas das aldeias Buridina e Bdê-Burê, localizadas em Aruanã, Goiás - GO, e das aldeias Santa Isabel do Morro, Watau e Werebia, localizadas na Ilha do Bananal, Tocantins - TO, com anuência de membros das aldeias Buridina, Bdê-Burê e Santa Isabel do Morro. [...] O **projeto Bonecas Karajá: Arte, Memória e Identidade Indígena no Araguaia**, iniciado em 2009, vem sendo supervisionado pelo Departamento de Patrimônio Imaterial – DPI/Iphan e coordenado pela Superintendência do Iphan em Goiás, que privilegiou o estudo dos aspectos imateriais das bonecas Karajá (IPHAN, 2021).

O fato de ser considerado patrimônio é de extrema importância tanto para maior valorização do artefato, como também, para garantir a preservação dos saberes e fazeres dessas comunidades ameríndias.

Estudiosos do assunto dividem a produção de bonecas Karajá em duas fases: a primeira se caracteriza pelo formato de corpo triangular com a base mais larga e sem a presença de membros, ou seja, não contém braços e as pernas são representadas por volumes arredondados. Essas peças eram produzidas com argila crua e cera de abelha. A segunda fase, posterior aos anos 40, é chamada de moderna, agora as peças passam a ser queimadas e adquirem maior resistência e mudanças em suas formas corporais.

Quanto ao aspecto estilístico, os estudiosos (CASTRO FARIA, 1959; COSTA, 1978) apontam duas fases: a chamada fase antiga e a fase moderna. A primeira caracterizada por pequenas figuras humanas com o corpo modelado em argila crua, cabelos em cera de abelha, tem formato estereotópico (triangular com bases mais largas) sem a presença de pernas e braços definidos e membros inferiores representados por simples formas arredondadas e volumosas. Estas bonecas mediam entre sete e vinte e cinco centímetros e são encontradas em coleções museológicas nacionais e estrangeiras. A denominada fase moderna, situada a partir da década de 1940, é caracterizada pela inserção da queima do objeto que altera a temática e forma das bonecas modeladas: adquirem um contorno mais delicado e cenas mais complexas são modeladas (SILVA, 2005, p. 6).

Na produção das bonecas Karajá são identificadas algumas características também encontradas em produções de bonecas de outras culturas como por exemplo: a produção caseira feita em família com muita criatividade, dedicação, capricho e como objeto lúdico, religioso e cultural. Silva (2005), explica melhor as características dessa produção,

As características atribuídas a estas ceramistas envolvem, além da criatividade, o domínio do ofício como um bom acabamento, alisamento da peça, não deixar marcas de carvão quando a peça é queimada, fazer os traços da pintura de forma retilínea, sem borrões. Mas envolve também a filiação de parentesco com as ceramistas históricas, aquelas rememoradas pelo grupo como as que iniciaram as atividades. (SILVA, 2005, p. 7)

Como vemos, a boneca Karajá também representa um elo de ligação familiar e uma forma de manter a cultura viva, conservando as técnicas e mesmo inovando, como forma de preservação. Articulam cotidianamente a oralidade em suas práticas como forma de manter o rito e a mitologia.

Lamentavelmente duas das mais importantes mestras das bonecas Karajá faleceram em 2019 contaminadas pela pandemia de Covid 19. Komytira Karajá, ceramista da aldeia Santa Isabel do Morro, ilha do Bananal - TO, foi a primeira vítima e, Koaxiru Karajá - da mesma aldeia uma grande mestra e artista muito reconhecida na produção das bonecas de cerâmica. Até o final dessa pesquisa tivemos a informação de que o conhecimento que envolve o ofício de fazer bonecas karajá estar ainda sendo repassado pela mestra Jandira Dyrity Karajá - da aldeia Bdè-Burè de Aruanã- GO. É da mesma geração da Koaxiru e também uma grande mestra.

[...] falecimento de Kamytira Karajá, [...] em Santa Isabel do Morro, na Ilha do Bananal [...] Komytira foi uma grande artesã, conhecia bem as artes e as técnicas de produção artesanal da tradição Karajá. Como ceramista era especializada na confecção das ritxoko, especialmente das figurinhas humanas que formam a família, conjunto de bonequinhas de cerâmica que são usadas nas brincadeiras das meninas Iny Karajá. [...] Colaborou com muitos projetos do Museu - Projetos Thesaurus, Projeto Kanyxiwê e o mundo das coisas, projeto rio Araguaia: lugar de memórias e identidades, projeto Bonecas Karajá: arte memória e identidade indígena no Araguaia e projeto Bonecas Karajá como patrimônio cultural do Brasil: contribuições para a sua salvaguarda (MUSEU UFG, 2020)

A chegada dos portugueses trouxe para o Brasil uma boneca de pano da cultura lusitana que, assim como a Boneca Karajá, é tradicional e muito representativa para sua cultura, são as bonecas Marafonas, das quais faremos um breve relato.

Figura 6 - Família de Bonecas Karajá



2.2. Bonecas Marafonas - Portugal

Recebem a denominação de Marafonas, bonecas de pano portuguesas que são feitas à mão e não tem feição facial. As bonecas lusitanas são provenientes da região de Monsanto e Penha Garcia com significados culturais milenares e comercializadas, hoje em dia, entre os turistas. Tem como base corporal uma cruz de madeira, que nos remete ao sagrado, a cabeça é formada por uma bola de algodão e, seus trajes são produzidos de retalhos com padrões e cores a escolha do artesão.

Existem duas crenças que agregam poderes as Marafonas, na primeira afirma que elas são amuletos de proteção contra tempestades. Em uma festa tradicional, intitulada de Festa de Santa Cruz, as mulheres sobem ao Monte Santo e abanam suas Marafonas para que, assim, ganhem poderes mágicos para afastar as trovoadas. Na segunda crença, a Marafona é um objeto que pode auxiliar as mulheres no momento de engravidarem e manda a tradição que sejam colocadas embaixo da cama do casal, como não tem rosto é considerado que ela é surda, muda e cega, sendo assim não corre o risco de falar sobre o acontecido. As Marafonas continuarão sua missão como protetoras desses bebês mesmo quando se tornarem crianças. Para isso, são colocadas nas janelas das casas, Marafonas em tamanho grande e em quantidade igual ao número de crianças que ali habitam.

Ainda segundo a lenda, deve-se a elas uma vitória da aldeia de Monsanto contra mouros e castelhanos, que rodeavam o castelo. A história diz que aldeões colocaram Marafonas para dançar como se fossem mulheres de verdade e as tropas invasoras sentindo-se desmoralizadas diante da cena abandonaram o ataque. Com isso passaram a representar a libertação dos povos. Mas sua principal função continua sendo servir como amuleto, conforme afirma Amado, citado por Souza e Melo:

[...] João Amado (207) relata a história das bonecas de pano e sua importância em um determinado período da história de Portugal, onde elas ganham a denominação de “marafonas”. São bonecas sem feição, ou seja, não possuem rostos ou olhos. Essa versão atuou com significativa importância em determinado período como elos entre a dominação e libertação de um povo. Em todo primeiro domingo de maio é comemorado o acontecimento entre portugueses e sarracenos e as peças são abençoadas e utilizadas como amuleto contra “mau olhado” (SOUZA; MELO, 2009, p. 2)

Figura 7 – Bonecas Marafonas.



Figura 8 – Estrutura das bonecas Marafonas.



Nas bonecas de origem afro-brasileira também encontramos características vinculadas a religiosidade, esse comportamento nos leva a encontrar uma significação da boneca como amuleto de proteção, característica encontrada em diversas culturas, como afirma Souza e Melo na citação abaixo:

[...] a boneca aparece como importante função religiosa nas comunidades afro-brasileiras, devido à troca cultural estabelecida entre brasileiros e africanos [...] Normalmente são encontradas em tecidos, na cor de pele negra, com uso de rendas para adornar, sendo algumas também confeccionadas com cabelos naturais (SOUZA; MELO 2009, p. 3).

Falaremos então da tradição das bonecas Abayomi, que além de representar a chegada da boneca de pano e dos negros no Brasil, representa o vínculo que busco para inserir a personagem de Maria Grampinho, representada por uma boneca de pano negra.

2.3 Bonecas Abayomi - África

Para a construção desse tópico tivemos necessidade de pesquisar sobre a história da migração negra no Brasil, desde os primeiros navios que vinham com os africanos para serem escravizados, aí encontramos características da motivação que instaurou a confecção das bonecas, como forma de recuperar e enlaçar sentimentos importantes para o equilíbrio de seus passageiros, que tinham um destino desconhecido e nada promissor.

As bonecas ocupavam um papel importante como vínculo entre as mães e suas crianças, Durante a viagem, as mães retiravam os retalhos das próprias saias, são como retalhos de vida, de cultura, para a confecção das bonecas, que funcionam como alimento para conservação da essência vital desse pov. Com a confecção desse artefato, durante a viagem, eles reativam a força da sua cultura, passando a ser tripulantes do universo interior, ativando valores culturais para segurar o leme emocional das suas vidas nessa comunidade em trânsito. Aqui o artefato é um verdadeiro instrumento de afetividade, no acalento promovido pelas águas da insegurança. Como fala Ferreira é a felicidade e alegria:

[...] Um dos costumes da cultura africana, que foi trazido durante o tráfico negreiro para o Brasil são as bonecas Abayomis. Para acalantar seus filhos durante as terríveis viagens a bordo dos navios que realizavam o transporte de escravos(as) entre a África e o Brasil, as mães africanas rasgavam retalhos de suas saias e a partir deles criavam pequenas bonecas que serviam de amuleto de proteção. Estas bonecas são confeccionadas com tiras de tecidos preto, suas vestes e turbantes com tecidos coloridos, não é usada cola, linhas ou agulhas, apenas com nós ou tranças. A palavra Abayomi do Iorubá, significa aquele que traz "felicidade e alegria" (FERREIRA, 2018, p. 16)

Identificamos no texto de Ferreira a primeira característica fundamental da boneca, que apontam para atitudes de resistência e para a garantia de traços identitários, ao utilizar tecido preto, para representar a pele, conservam assim, a sua cor, a sua raça, como também o colorido da roupa, que representa a alegria. Outro fato interessante é relativo a necessidade de continuar a expressar seus sentimentos por meio da criatividade e extraindo do cotidiano os recursos materiais e as ações simples de dar os nós, como que atando a própria cultura e trançando as emoções de

amor e esperança entre essa comunidade, flutuante, entre dois territórios que representam o passado de liberdade e futuro incerto.

Figura 9 - Boneca Abayomi.



A história das Bonecas Abayomi no Brasil começou no final dos anos 80, com a artesã Lena Martins, educadora popular e militante do Movimento de Mulheres Negras, que procurava na arte popular um instrumento de conscientização e sociabilização, em seguida outras mulheres de vários movimentos sociais e culturais, aprenderam com ela e fundaram no Rio de Janeiro a Cooperativa Abayomi em 1988. Este projeto faz parte da rede nacional contra a violência à mulher e da rede de mulheres negras latino-caribenhas. Atualmente as bonecas Abayomi são feitas com materiais reaproveitados, como retalhos de pano e malhas, estas podem ter como significado a representação de algo, como figuras do cotidiano, personagens de circo, da mitologia, orixás e manifestações folclóricas e culturais. Neste trabalho ela é usada como instrumentos para a promoção da saúde, tipo: gênero, quesito raça/cor, miscigenação, as fases da vida (bebê, criança,

adolescência e adulta), na mulher (gestação e parto) (FERREIRA, 2018, p. 16).

As bonecas Abayomi são um exemplo sem costura alguma (apenas nós ou tranças), as bonecas não possuem demarcação de olho, nariz nem boca, isso para favorecer o reconhecimento das múltiplas etnias africanas. Inspirado pela tradição dessa arte histórica, a artesã e arte-educadora Cláudia Muller desenvolveu um trabalho único, e, com o objetivo de evidenciar a memória e identidade popular do povo brasileiro, valorizando a diversidade cultural que reina na Terra Brasilis, criou o projeto Matintah Pereira. A iniciativa produz versões próprias das Abayomi e promove oficinas tanto para ensinar o processo de criação quanto para discutir a importância histórica e social em torno das bonecas.

Durante o processo de formação oferecido pelo Projeto Mulheres Coralinas, tivemos a oportunidade de participar de uma oficina de Abayomis com a historiadora e professora da Universidade Federal de Goiás, Eliesse Scaramal, que é uma especialista em História da África. Confeccionar as abayomis foi um momento de alegria para todas nós.

Como podemos perceber, a boneca de pano está relacionada diretamente a cultura de cada povo, mas independente da cultura, a história sempre mostrou que as bonecas estão presentes tanto como objetos lúdicos para as crianças como objetos significativos, históricos e culturais, para compreender melhor trouxemos dois exemplos da existência delas em outros países como a boneca Matrioshka da Rússia e a Quitapesares ou Quitapenas da Guatemala, hoje conhecidas e comercializadas, tanto como representação turístico cultural como pelo valor simbólico que as acompanha mundo afora.

Figura 10 - Bonecas Abayomi.



2.4 Bonecas Matrioshkas – Russia.

Na tradição Russa encontramos as bonecas Matrioshkas, diminutivo da palavra Matryona (Matrona) proveniente da raiz latina, mater ou mãe. Considerada uma pequena obra de arte. Foram produzidas originalmente em madeira formando um conjunto de 4 bonecas que se encaixam uma dentro da outra, sendo três delas ocas e representando as mulheres da família, a avó, a mãe e a filha, cada uma em um tamanho perfeito para receber a próxima inserida nela como um útero perfeito. A última, e menor das quatro, é compacta e representa um bebê, que pode ser feminino ou masculino. Para essa sociedade esse conjunto de bonecas representa a fertilidade, maternidade e proteção representada pela figura da mãe que é quem guarda e cuida da proteção de sua família.

Inúmeras lendas sobre o surgimento e o significado dessa bonequinha tradicional russa que conquista crescentemente o mundo. Antes da Matrioshka, já era uma característica do país a fabricação de brinquedos e objetos de madeira, assim como já era usual esconder objetos valiosos dentro de outros, como no caso dos Ovos Fabergé, mais uma tradição da Rússia. Considerada hoje uma pequena obra de arte, a famosa Boneca Russa começou sua trajetória como brinquedo. Diz-se que a primeira Matrioshka foi idealizada por Anatoly Mamontov em 1890. Ele possuía uma pequena fábrica / loja de brinquedos, especializada em itens educacionais e tradicionais onde empregava os mais renomados pintores e carpinteiros. Maria, sua esposa, trabalhava com música e contos populares, adaptando as histórias tradicionais russas para as novas gerações. Seu trabalho é referência até os dias de hoje.⁴

Percebemos que as bonecas Russas surgiram associados a uma loja de brinquedos para atuar de forma lúdica na educação e como ferramenta para conservar as histórias tradicionais da cultura Russa, como também, objeto de guardar tesouros, nesse caso guardar uma dentro da outra, funciona como guardar a ancestralidade, a própria família como tesouro.

⁴ Disponível em: <http://www.bonecarussa.com.br/novidade/matrioshkas-matrioskas-no-brasil> acesso em 31/01/2021

Figura 11 - Bonecas Matrioshkas.



2.5 Bonecas Quitapesares ou Quitapenas - Guatemala

Na tradição dos Maias, na Guatemala, existe um conjunto de miniaturas de bonecas confeccionadas de pequenos retalhos ou linhas com uma base de madeira ou papelão, são guardadas em uma pequena caixinha ou bolsinha em grupo de seis, uma para cada dia da semana, podendo descansar um dia. Elas têm mais ou menos dois centímetros de tamanho. Essas bonecas funcionam, segundo a tradição, como amuletos que tiram as preocupações e os medos das crianças que ao deitar conversam com as bonecas contando seus “pesares” ou suas “penas” e as colocam sob o travesseiro. Ao transmitirem os problemas para as bonecas, as crianças ficam livres deles e podem dormir com tranquilidade, e ao amanhecer tudo terá desaparecido. Ao amanhecer será necessário acariciar a barriga da bonequinha para que ela possa se curar dos problemas que absorveu. Geralmente vêm com as seguintes instruções:

- * Concentrar-se na preocupação ou sofrimento na hora de dormir.
- * Contar para a boneca tudo o que queremos que ela leve embora.
- * Colocar as quitapesares debaixo do travesseiro.
- * Acariciar a barriga da boneca para que ela não sinta as suas dores e pela manhã todas as preocupações tenham desaparecido.

Esta tradição promove o hábito de esquecer todas as preocupações antes de dormir.

As bonecas são usadas como quitapesares ou como amuletos, oferecendo a possibilidade de descarregar os sofrimentos diariamente de uma forma natural. Esta bela tradição promove um hábito psicológico saudável que todos nós deveríamos utilizar todos os dias: esquecer todas as preocupações antes de dormir. O fato de transferir para as bonecas as nossas preocupações e tristezas, embora seja algo imaginário, pode ser um recurso muito útil para gerenciar a angústia e a ansiedade que os problemas acarretam e deixar a insônia “bem longe” de nós.⁵

Aqui as bonecas da Guatemala ultrapassam o campo da afetividade do toque, do abraçar e atuam diretamente no campo psicológico, funcionando como medicina para a cura de problemas emocionais.

⁵ Disponível em: <https://amenteemaravilhosa.com.br/bonecas-quitapesares/> Acesso em 31/01/2021

Depois de fazer esse pequeno passeio histórico e geográfico trazendo algumas tradições culturais, de outras localidades que têm a boneca como seu foco, passarei a tratar do objeto principal de minha pesquisa que é a investigação sobre a personagem Maria da Purificação, e de modo especial a sua representação como boneca "Maria Grampinho", na Cidade de Goiás.

Figura 12 - Bonecas Quitapesares ou Quitapenas.



3 MARIA GRAMPINHO

3.1 Quem foi Maria Grampinho?

Maria da Purificação, “Maria Grampinho”, nasceu em 02 de fevereiro de 1904 e faleceu em 24 de setembro de 1985 na cidade de Goiás. Viveu pelas ruas da cidade carregando uma trouxa com conteúdo misterioso: o que teria na trouxa de Maria? Naquela época, eu, com apenas 10 anos, ficava curiosa quando a via passar, acordava com cheiro de sabão das roupas que a vó Maria lavava para as famílias da cidade, ela também carregava uma trouxa pelas ruas da cidade e, ao voltar da escola, atrás da Catedral de Santana, me encantava e também indagava: o que teria na trouxa de Maria?

Maria Grampinho foi uma personagem comum que viveu despercebida pelas ruas da cidade de Goiás, de difícil pesquisa por existirem poucos registros sobre sua vida. A convivência com a doceira e poetisa Cora Coralina tornou-a personagem de algumas de suas poesias, fato que possibilitou narrativas populares dizendo que, era ela a autora dos doces e das poesias de Cora. O fato de ser citada na poesia de uma poetisa de reconhecimento nacional despertou o interesse de pesquisadores sobre essa personagem, o professor pesquisador Flávio Gomes de Oliveira foi um desses interessados e, após produzir um *stop – Motion* sobre a personagem, desenvolveu o trabalho de pesquisa: Patrimônio Imaterial, História e *stop – Motion*: Animação de “Maria Grampinho”, onde relata que:

A personagem é de certa forma uma pessoa bem comum, que passaria despercebida da maioria do povo por isso os detalhes de sua vida não são muito conhecidos. Um grande diferencial foi o fato de ela ter sido citada em textos da Poetisa Cora Coralina, o que acabou por construir no imaginário popular certa curiosidade sobre o que ela guardava dentro de sua trouxa [...] Na história de Maria Grampinho, percebemos muitas influências da repetição da história no imaginário popular. Atualmente, alguns relatos sobre a personagem apresentam distorções e até teorias mais fantasiosas, que a citam como uma artista que produzia os textos de Cora Coralina (OLIVEIRA, 2018, p. 15).

Hoje eu repito o gesto de Maria Grampinho sentada na calçada a pregar em suas saias botões, retalhos e badulaques. Quem diria que a menina Marcelene, depois de tantos anos, faria parte do Projeto Mulheres Coralinas e aprenderia a

confeccionar bonecas de pano? Entre as bonecas que hoje eu confecciono estão Cora, Menino Verde, Leodegária, entre tantas outras está ela: Maria Grampinho. Me pergunto: o que teria eu trazido em minha trouxa? Minha história de vida se cruza com a da personagem que agora represento com o ofício de bonequeira.



Figura 13 - Foto de Maria Grampinho subindo uma das ruas de pedra da cidade de Goiás.
Autor desconhecido



Figura 14 - Fotografia de Maria Grampinho
Acervo do Museu Cora Coralina

Tenho lembranças da infância feliz, conhecimentos de uma vida de muitas lutas, conquistas e aprendizados. Não sabemos se no futuro, por causa de uma trouxa cheia de roupas sujas de um desgoverno e da pandemia de Covid 19, estaremos aqui, mas pela fé, firmeza nos passos, delicadeza nos gestos e coragem chegaremos com trouxas de roupas lavadas, passadas com ferro a brasa, cheirando um país melhor, como aquelas que eu ajudava a vó Maria entregar.

Porém, a tradição dos causos se mantém quando se fala em História Oral e Patrimônio Imaterial. Verifica-se uma forma de ação no sentido de garantir recursos para documentar parte dessas histórias, muitas sobre mitos ou ficções da cidade, outras sobre personagens reais que andaram por suas ruas e becos (OLIVEIRA, 2018, p. 16).

Entre as poesias que Cora Coralina faz em homenagem a Maria Grampinho, encontramos Coisas de Goiás – Maria, onde relata que, a mesma, dormiu por 26 anos no porão de sua casa:

Coisas de Goiás: Maria

da Ponte...

Digo mal. Usucapião tem ela, só de meu tempo,
vinte e seis anos. Maria, das muitas que rolam pelo mundo.
Maria pobre. Não tem casa nem morada.

Vive como quer.

Tem seu mundo e suas vaidades. Suas trouxas e seus botões.
Seus haveres. Trouxa de pano na cabeça.

Pedaços, sobras, retalhada.

Centenas de botões, desusados, coloridos, madre-pérola, louça,
vidro, plástico, variados, pregados em tiras pendentes.

Enfeitando. Mostruário.

Tem mais, uns caídos, bambinelas, enfeites, argolas, coisas dela.
Seus figurinos, figurações, arte decorativa,
criação, inventos de Maria.

Maria grampinho, diz a gente da cidade.

Maria sete saias, diz a gente impiedosa da cidade.

Maria. Companheira certa e compulsada.

Inquilina da Casa Velha

Tão grande a Casa Velha da Ponte...

Tão vazia de gente, tão cheia de sonhos, fantasmas e papelada,
tradicionais papéis de circunstância.

Seus fantasmas, enterro de ouro. Lendas e lendas.

Cabem todas as Marias desvalidas do mundo e da minha cidade.

Quem foi o pai, e a mãe e a avó de Maria?

Quantos anos tem Maria? Como foi que nasceu? De que jeito sobreviveu?

Estacou no tempo, procura sempre no quintal seus grampinhos
repassados na densa e penteada camada capilar,
onde acomoda em equilíbrio singular seus mistérios...

Teres e mordomias e seus botões alegres, coloridos, seriados,

chapeando a veste, que por ser pobre não deixa de ser nobre,
resguarda sua nudez casta, inviolada.
Sete blusas, sete saias, remendos, cento de botões
cem números de grampinhos. Muito séria, não dá confiança.
Garrafa de plástico inseparável. Água, leite, mezinha, será...
Entre Maria, a casa é sua.
Nem precisa mandar. Seus direitos sem deveres,
vai pela manhã e volta pela tarde.
Suas saias, seus botões, seus grampinhos, seu sério, muda e certa.
Maria é feliz. Não sabe dessas coisas sutis e tem quem a ame.
Uma família distinta da cidade, que a conheceu em tempos
dá referência: Maria tinha até leitura e fazia croché,
ponto de marca, costurava.
Tem a moça Salma, humana e linda, flor da cidade,
luz da sociedade goiana, ela preza Maria e fala
como fala a generosidade das jovens: Maria me contava histórias
quando eu era pequena.
Fui carregada nos braços da Maria.
Meus filhos e netos quando chegam perguntam:
"E Maria, ainda dorme aqui?"
Todos gostam de Maria, e eu também.
Estas coisas dos Reinos
da Cidade de Goiás.

Cora Coralina
(1889-1985)

Figura 15 - Bonecas de Cora, Menino Verde, Maria Grampinho e Leodegária de Jesus.



Fonte: Acervo pessoal.

3. 2 A influência de Cora Coralina



Figura 16 - Cora Coralina



Figura 17 - Cora Coralina com Mercês Parente.

Por meio de sua poesia, Cora Coralina modifica totalmente a forma de como a população da cidade de Goiás, percebe Maria Grampinho. Em suas poesias, Maria Grampinho foi apresentada de maneira muito diferente, com lindos adjetivos, companheira, nobre, casta, humana, generosa, acalentadora de crianças, contadora de estória, feliz, amada por todos. Também a representamos de uma forma bem diferente: como boneca de pano, linda, macia e carinhosa, companheira de todos os momentos e, participante dos sonhos das crianças. Inicialmente no contexto econômico, nos dias atuais vimos a necessidade de lhe dar maior valor, agora a valorização cultural dando continuidade às informações de tradição convencionalmente apresentadas pela cidade aos turistas, mantendo a memória histórica, cultural, turística e patrimonial.

Há cada pesquisa percebemos a relação de Maria Grampinho em minha vida, o que quero crer que é mais do que uma coincidência. Temos descendência negra, filha de Maria, neta de Maria, lavadeira de roupas no rio Vermelho que carregava em sua trouxa para serem lavadas, três gerações nascidas e criadas moradoras da cidade.

Na entrevista com Diane Valdez confirmamos a triste realidade que a sociedade impõe a algumas pessoas devido às suas características sociais, étnicas, de gênero ou raciais, a mesma realidade que foi imposta a Maria Grampinho.

“não há como se desvencilhar das questões sociais construídas historicamente, seja pela etnia, uma mulher negra, como também pela questão social, a pobreza que gera o abandono. A cultura traz as cores de Maria, seus grampos que seguram seu cabelo, seus botões que enfeitam sua frágil vida, a trouxa que carrega sua história. Ela é a própria cultura da exclusão, que normaliza a pobreza e a violência, tornando a vida de uma mulher nas ruas, não algo ruim, mas sim, algo “exótico”, anedótico e suportável. A história de Maria, é a história de abandono, mas também é a história social de quem é pobre e parece “não merecer” dignidade e cuidado” (VALDEZ, 2021).

Com todo entrelaçamento que vejo entre minha história de vida e a história da personagem Maria Grampinho é que me sinto ainda mais estimulada a buscar a melhor forma de representar essa personagem garantindo os traços que vão ressaltar a sua humanidade. Esse fazer implica no capricho e zelo na confecção das bonecas. Porque sei que assim estou contribuindo para que Maria Grampinho seja reconhecida por todos os bairros e moradores de nossa cidade e não somente pelos turistas que

transitam no centro histórico de Vila Boa. Maria Grampinho perambulou por anos carregando uma trouxa de roupa pelas ruas da cidade. Transformou-se em uma personagem, objeto de pesquisas acadêmicas, de decoração e de desenvolvimento do lúdico.

Figura 18 - Foto de Maria Grampinho tirada em janeiro de 1980.



Fonte: João Bisneto

Cora Coralina (2003) a cita quando apresenta o Rio Vermelho e suas lavadeiras em suas poesias, assim como Gomide que também estuda e relata as ações das lavadeiras do mesmo rio:

[...]Ouço as lavadeiras do Rio Vermelho[...] Vejo, metidas n'águas, as tradicionais mulheres da terra. Cafusas, morenas, trigueiras e retintas, de idade indefinida; têm a seu cargo fazer limpar a roupa suja da cidade [...] Quando de tarde, atravessam as ruas, grandes trouxas alvacentas, equilibradas nas trufas, têm um cheiro de infante e gostoso de gente limpa, água e sabão. Batem roupas o dia inteiro, à moda antiga, acompanhando com o compasso do tempo o ritmo da correnteza. (GOMIDE, 2007, p. 127)

Apresentada por Portelli (2004), a obra de Cora Coralina, interpreta as experiências vividas pela a autora, que rememorou o passado, valorizou-o, apresentando a arquitetura moldada pelas mãos dos escravos, citou igrejas. Maria grampinho era parte integrante da dinâmica da cidade, personagem que passava os dias em longas caminhadas, acompanhada por sua trouxa, pelas ruas de Goiás e se comunicando com alguns de seus moradores, principalmente com Cora Coralina, uma vez que todas as noites, dormia em seu porão.

[...] Cora construiu narrativas inseridas na dinâmica urbana da época. Os relatos acompanham o tempo, crescem com o tempo e se decompõem com o tempo. Por isso as culturas desenvolvem métodos para obter alguma independência do tempo e para preservar as palavras". (PORTELLI,2004, p...)

Segundo Gomide, (2007) a obra de Cora Coralina é uma das várias representações e traz, para além de indício historiográficos, por meio do olhar da autora, o trabalho das lavadeiras, histórias contadas que fazem parte do imaginário social e as experiências vividas em torno das águas do Rio Vermelho. Trazido como parte do “mito de origem”, o Rio Vermelho foi constitutivo das histórias de tragédia, tornando-se referência para a denominação de bares e hotéis. Exemplo disso é o “Hotel Rio Vermelho” - um pequeno e tradicional hotel local. Esse rio teve uma forte ligação com a vida de Maria Grampinho e sua trouxa, uma vez que,

Figura 19 - Foto de Maria Grampinho tirada em janeiro de 1980.



Fonte: João Bisneto

suas caminhadas eram feitas em suas margens, era ele que fornecia a água para sua própria sobrevivência, era nele que se banhava e lavava as roupas que trazia em sua trouxa.

[...] Deste modo, o Rio Vermelho é trazido por diferentes narrativas, expresso por diferentes linguagens, acordando coisas diversas. Interpretando os textos de Silva e Souza e Brandão, GOMIDE,(2007) compreendeu os modos como o rio se inseriu na cultura da cidade, sendo como referência importante do trabalho os garimpeiros e lavadeiras, do período do ciclo do ouro em Goiás. O rio tem feito parte do processo de construção do espaço urbano hoje considerado histórico, referência na história da gênese urbana, fazendo parte da dinâmica histórica e dos processos vívidos no presente, constitui-se como parte fundamental de muitas histórias sobre a cidade nas diferentes épocas (GOMIDE, 2007, p. 131)

Entre pesquisas e relatos, ficamos literalmente “conversando com nossos botões”, termo utilizado no Brasil para identificar pessoas que se mantêm no silêncio de seus pensamentos, a conversar consigo mesmo. Agora sou eu que fico aqui pensando na boneca Maria Grampinho, a negra com cabelos repletos de grampos bem brilhantes, costume para prender penteados na época, roupas feitas de diversos retalhos e muitos penduricalhos, repletas de botões e, sempre carregando uma misteriosa e inseparável trouxa que, por onde ia, levava. Caminhante diária das margens do Rio Vermelho, rio que atravessa até hoje a cidade de Goiás, carregando em suas águas, segredos e memórias desse passado. Tudo depende do olhar do observador, vemos aquilo que queremos ou aquilo que nos ensinaram ver. Como é vista a boneca de pano que representa Maria Grampinho hoje?

Na obra de Gomide, 2007, podemos observar a relação que o autor faz dessa época vivida na cidade de Goiás com o movimento das águas do Rio Vermelho, a escravidão e as lavadeiras, todos esses acontecimentos daquela época remota trazem forte ligação com a vida de Maria Grampinho.

[...] “O compasso do tempo o ritmo da correnteza”. As águas do Rio Vermelho têm semelhança do o tempo vivido. “A moda antiga”, o tempo lento da permanência convive com a preservação de prédios históricos e ruas da época da escravidão em Goiás, não porque foram assim desconhecidos, mas porquê são representações do diálogo com o tempo. Na correnteza das águas estavam também as imagens do cotidiano vivido pelas lavadeiras, assim como por mineradores (GOMIDE, 2007, p.145)

A boneca Maria Grampinho representa hoje a mulher negra, (Maria da Purificação) andarilha, esquizofrênica, louca, carregando tantos adjetivos negativos, supostamente filha de escravos, no entanto era livre, dona de si, não se prendia ao porão da casa de Cora Coralina no centro da cidade, somente algumas famílias se atreviam a lhe oferecer comida diariamente, era temida por alguns e hostilizada pelas crianças nas ruas onde passava, invisibilizada pelos adultos, vivia na contravisualidade, as margens da sociedade e do rio Rio Vermelho.

[...] O direito a olhar não é meramente uma questão de visão. Ele começa em um nível pessoal com um olhar adentrando os olhos de alguém para expressar amizade, solidariedade, ou amor. Aquele olhar deve ser mútuo, cada um inventando o outro, do contrário ele falha. Como tal, é irrepresentável. O direito a olhar reivindica autonomia, não individualismo ou voyeurismo, mas pleiteia uma subjetividade e coletividade políticas: "o direito a olhar" (MIRZOEFF, 2016, p. 746).

[...] O direito a olhar confronta a política que nos diz, "chispem, não há nada para ver aqui". Mas tem; nós o sabemos, e eles também. O oposto do direito a olhar não é a censura, então, mas a visualidade, aquela autoridade que nos manda chispar e que supõe aquela reivindicação exclusiva da capacidade de ver. Visualidade é uma palavra antiga para um projeto antigo. Não é um vocábulo teórico da moda significando a totalidade de todas as imagens e dispositivos visuais, mas é na verdade um termo do início do século XIX que faz referência a visualização da história (MIRZOEFF, 2016, p. 746).

Discordando da representatividade do passado, criamos uma boneca negra para oferecer visibilidade a mulher negra atual, que tem lugar de fala, não com botões, mas sim, reivindicando seus direitos, resgatando sua ancestralidade, se empoderando para lutar contra o racismo, a discriminação e direito a arte.

[...] visualizar é produzir visualidade, ou seja, é fazer os processos da história perceptíveis à autoridade. Esta visualização era atributo exclusivo do Herói. A visualidade era considerada masculina, em tensão com o direito a olhar que tem sido descrito em diferentes situações como feminino, lésbico, queer, ou trans (MIRZOEFF, 2016, p. 747).

Sua ressignificação, poderá contemplar a cultura e tradição da cidade, as crianças do passado que a hostilizavam podem ser esclarecidas sobre sua importância como representante dessa história, reconhecendo ainda as riquezas de conhecimentos, transmissoras de cultura igualitária e justa sem perder a tradição.

Uma oportunidade para que as pessoas possam voltar a viver um mundo de sonhos, da beleza e encantamento, aguçando a curiosidade dos turistas, esses que fortalecem a economia e levam a boneca Maria Grampinho como lembrança representativa dessa cultura, uma vez que, viveu nas ruas do reino da cidade de Goiás.

[...] O direito a olhar é, então, a reivindicação por um direito ao real. É o limite da visualidade, o lugar onde estás códigos de separação encontraram uma gramática da não-violência (significando uma recusa a segregação), como forma coletiva (MIRZOEFF, 2016, p. 749).

A infância de Maria Grampinho é tema do curta-metragem “De pássaros a infância: Maria” com roteiro e direção de Mariana Siqueira. Neste curta a jovem aspirante a cineasta cria uma ficção poética para essa personagem que marcou seu imaginário de criança que cresceu em Vila Boa de Goiás, ouvindo as histórias de Maria. Na narrativa do filme fica a sugestão do que teria incentivado a personagem "Maria" na colocação de enfeites decorativos em suas saias com retalhos e botões.

Na narrativa literária, Valdez (2016) também comenta sobre a insatisfação de Maria devido ao tratamento desrespeitoso que recebia por parte de alguns moradores da cidade. Segundo os relatos Maria não gostava da forma como pessoas da cidade a tratavam, sentiam-se no direito de julgar sua forma de viver e seus trajes, que eram bem diferentes das vestimentas usadas pela maioria da população. O esforço para ser melhor aceita e mudar esse cotidiano dos falatórios sobre sua vida, que aceitou ser batizada pela igreja católica, na esperança que satisfazendo um desejo popular, as atitudes em relação a ela iriam mudar, no entanto, se esse foi o único objetivo para o batismo, a tentativa foi em vão e logo sentiu-se frustrada novamente, nada mudou.

Conforme relata a autora sobre essa passagem:

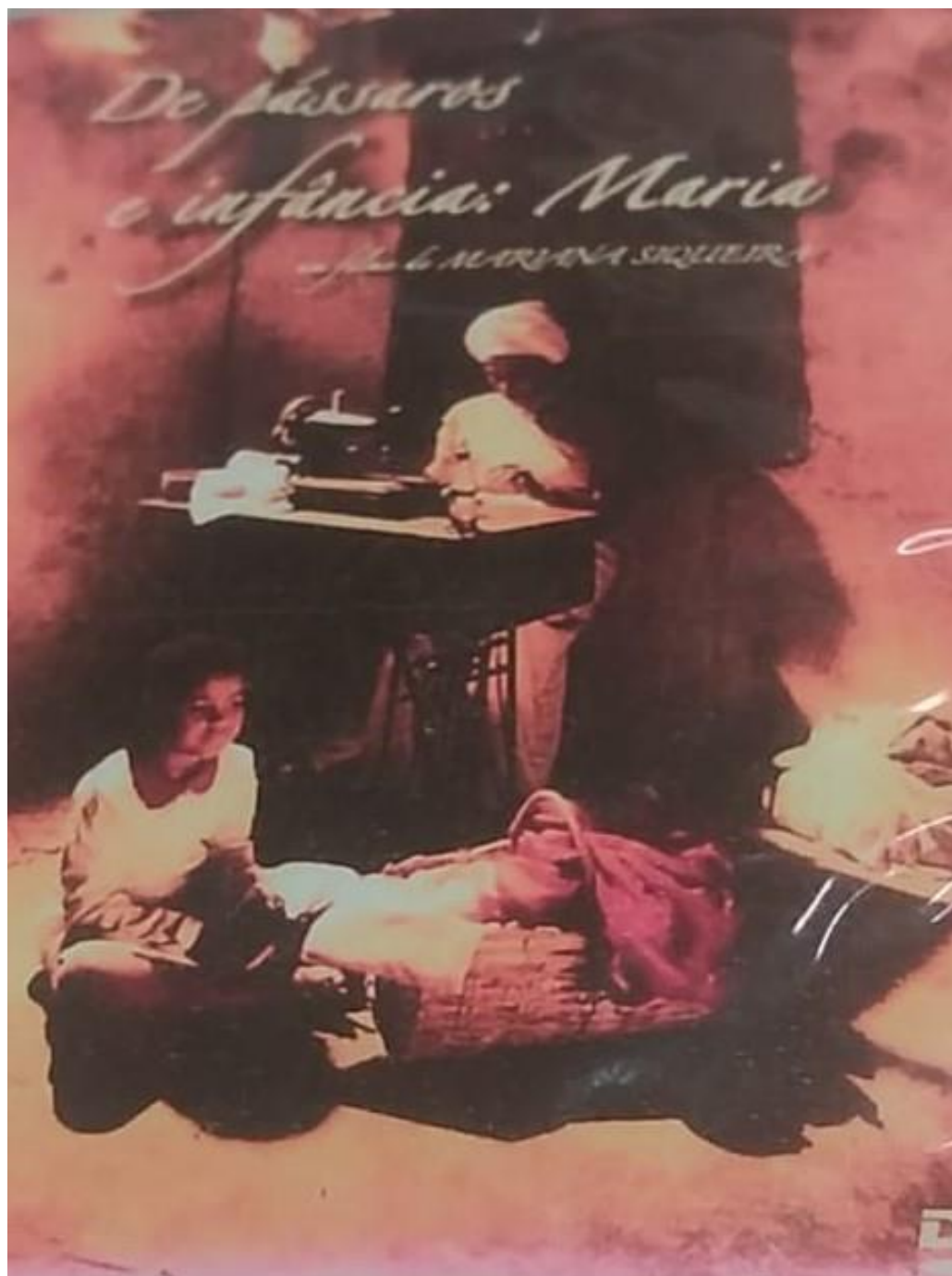
Maria ficava descrente da vida, pois era assunto até das velhas beatas que ficavam sentadas nas conversadeiras ou nas portas das casas, com aquelas falas enjoadas que não acabavam mais. O que falavam tanto de Maria? Daquela mulher baixinha, de pele negra, que levava sua história pelas ruas de Goiás? Para espantar um pouco dos incômodos, Maria foi até Batizada na nova capital, em 1945. De nada adiantou, pois apesar de ser querida por muitos, a algazarra, que tanto a chateava, não deixou de existir. (VALDEZ, 2016, p. 21).

No curta ficcional de Siqueira (2015), sugere-se que, em sua infância, Maria havia feito um pedido a sua mãe para ser transformada em uma boneca parecida com as meninas que via na festa da Igreja do Rosário, uma das principais igrejas da cidade localizada no final da rua da casa de Cora Coralina. O pedido feito pela personagem ficcional a sua mãe acaba se concretizando na realidade quando, após sua morte artesãs da cidade de Goiás começam a produzir uma boneca de pano representando a personagem Maria Grampinho, procurando seguir seus traços e respeitando sua pele de mulher negra, como era seu desejo.

A boneca comercializada hoje na cidade de Goiás é uma linda e significativa boneca de pano, com roupas feitas de retalhos coloridos e alegres, trazendo sempre pequenos grampos presos em seu charmoso penteado. Assim foi introduzida uma significativa boneca negra no mundo das bonecas brancas. Que ao olhá-la, é normal que o olhar do espectador venha sempre acompanhado do desejo de tocá-la, sentir sua textura e maciez, observar detalhes de sua produção e dos adornos que acompanham sua vestimenta.

Comungando com o pensamento de Ebe Siqueira que alerta para a importância com o cuidado da representação da personagem no momento da produção da Boneca Maria Grampinho.

Figura 20 - Capa do DVD - filme De pássaros a infância: Maria.



Fonte: Acervo Pessoal.

“Representar uma figura que fez parte da história de uma cidade será sempre uma responsabilidade muito grande. Há uma expectativa de que se consiga destacar os traços principais que definem a personagem a ser representada. Com Maria Grampinho, entretanto, a responsabilidade se agiganta uma vez que ela é uma mulher negra, que viveu em condições de vulnerabilidade em um tempo em que menos ainda se fazia pela população em condição de rua. Portanto, fazer uma representação descuidada e tosca apenas repetiria o descaso que foi destinado à ela, enquanto viveu. Nesta perspectiva, as orientações que foram passadas nas oficinas de confecção de bonecas dentro do Projeto e depois na associação das Mulheres Coralinas, sempre buscaram chamar a atenção das bonequeiras para que procurassem positivar a imagem da mulher Maria da Purificação. Mostramos às bonequeiras que o mesmo rigor estético que tivessem com a confecção da boneca que retrataria a poetisa Cora Coralina, deveria ser seguido com a boneca de Maria Grampinho.

Pesquisamos fotografias, quadros, livros e filmes que de alguma forma também construíram representações de Maria da Purificação, conhecida como Maria Grampinho. [...]. Ter presente as tiras de pano, os botões, bambinelas, argolas, coisas que revelem na boneca produzida o desejo de se enfeitar, de criar a sua própria moda, que nos parece ser o que marcou a vida dessa mulher cheia de enigmas e, por isso mesmo, tão encantadora para os olhos das crianças e dos adultos que ainda não formataram o seu gosto em um padrão único de beleza” (SIQUEIRA, 2021).

É comum as bonecas fazerem parte do mundo dos adultos, não só como produtores desses artefatos mas também como colecionadores. Ai entrevistarmos Mercês Parente, pesquisadora nas áreas de políticas públicas em patrimônio cultural, arte popular e artesanato e produtora cultural, tivemos a oportunidade de compartilhar de um universo especial em seu acervo particular de, mais ou menos cinquenta bonecas artesanais, produzidas com uma infinidade de materiais diversificados e provenientes das diferentes culturas brasileiras.

Quando perguntamos sobre sua coleção de bonecas, ela nos respondeu o seguinte: “não classifico como coleção, mas sim como trajetória de vida. Na bagagem da mudança de Teresina para Brasília, novembro de 61, cada um escolhia o que trazer, na minha veio a boneca de celulose e algumas “bruxas de pano”, assim designadas. Posteriormente, na Cidade Inventada, chegaram as de papel. Ganhei da minha madrinha de Crisma a mais moderna existente, de madeira, com um conjunto

de roupas com ímã que possibilitava as trocas. Também comprava as de papel na banca de revista. Eu desenhava minhas próprias. Guardo ainda o conjunto de bonecas de papel e pano com as quais sobrinhas e netas brincaram”

Figura 21 - Mercês Parente com seu acervo de bonecas artesanais.



Fonte: Arquivos pessoais de Mercês Parente.

Figura 22 - Parte do acervo de Bonecas artesanais de Mercês Parente.



Fonte: Arquivos pessoais de Mercês Parente.

Diane Valdez (2016), em sua obra *O que teria na trouxa de Maria?*, relata sobre passagens históricas ocorridas na cidade de Goiás e vividas por Maria, o texto mostra que a personagem tinha uma percepção muito diferente de encarar a vida, inversa do olhar da maioria da população, isso fica evidente na parte que Valdez relata a mudança da capital de Goiás para Goiânia:

Maria assistiu à mudança da capital. Não opinou, nem ficou chateada como muitos ficaram. Só estranhou o movimento e as reclamações do povo da cidade, que não aceitava a nova capital. Aquele mês de dezembro não significou nada pra Maria, que continuou suas rotinas pelas ruas da cidade que não era mais capital, era apenas uma cidade do interior do Estado (VALDEZ, 2016, p. 21).

Ainda em Valdez (2016) encontramos a informação sobre a morte de Maria ocorrida em 24 de setembro de 1985, que aconteceu apenas quatro meses após a morte de Cora Coralina, decorrida em 10 de abril do mesmo ano. A autora enfatiza a chuva que despenhou na cidade nesse dia fatídico, como uma metáfora de que poderia simbolizar a tristeza e o choro da natureza, devido à perda de uma pessoa tão diferente e especial como Maria Grampinho:

Maria sem formosura guardava seus mistérios nos grampos, nos botões e na trouxa. Fazia parte do Reino de Goiás como registrou Cora. Foi embora para sempre, logo depois da poetisa. No dia de sua morte a natureza chorou. Choveu a noite toda. Maria Grampinho deixou sua marca no porão. Por isso, na cidade de Goiás, mesmo quem não a conheceu, sabe de sua história (VALDEZ, 2016, p. 27).

Não poderia terminar esse texto sobre Maria Grampinho sem fazer menção ao poema de Maria Félix Fonteles em homenagem a todas as mulheres:

**Somos Todas Marias, tecelãs universais da vida –
MARIAS**

São tantas as Marias
As de Jesus e José
As da Fé e dos Milagres
Das Dores e da Luz
Do Rosário e do Socorro
De Fátima e Aparecida
Em esculturas de gesso
De porcelana e de prata
Tem também as de louça
Mas as Marias de carne e osso
São milhões no Brasil

Umas amadas, outras feridas
Tecerãs universais da vida
Guerreiras do planeta Terra
Da fartura e da fome
Do velho continente
Aos confins do sertão
Minha alma se alegra!
Sou também Maria!
Ou todas elas unidas
Pela magia do nome
Na labuta do dia a dia
Sou simplesmente Maria!

Poema de Maria Felix Fontele “*em homenagem a todas as mulheres, pois, no fundo, somos todas Marias*”.

4. CONCLUSÃO

Concluimos que a boneca de pano é um objeto cujas técnicas e aspectos são repassadas de mãe para filha, podendo servir para as crianças como um objeto utilizado para brincar, encantar, emocionar, enquanto que, para a pessoa adulta, tem a função de recuperar ou manter a tradição, repassando a cultura, auxiliando na união e fortalecimento da família. Influenciando a autoestima e o estado emocional, servindo como objeto afetivo e até terapêutico. Em alguns casos, deixa de ser uma economia secundária e se transforma na economia familiar. Como afirma Mercês Parente em sua entrevista, “[...] além do universo e sentido contido na essência do objeto souvenir, folclórico, infantil ou do lúdico, do uso como brinquedo e brincadeira há o psicanalítico e o terapêutico, onde bonecas são usadas como ferramentas” (PARENTE, 2021).

Independente da técnica utilizada para sua produção, do material empregado, do país onde circula, da crença espiritual ou da etnia, o sentimento de emoção ao avistar uma boneca é notório e unânime em qualquer ocasião e, quando ela é feita de pano, parece servir para fortalecer os vínculos afetivos e o sentimento de pertencimento sociocultural.

Recuperar, valorizar e buscar ressignificar a personagem Maria Grampinho, por meio do artefato lúdico e afetivo da boneca de pano é instaurar uma forma inovadora de aproximar a sociedade da personagem e pode servir de ferramenta educacional na utilização da mesma em escolas, para mostrar que depois da história dos livros, nas entrelinhas encontramos uma e outra história, que nos identifica e mostra nosso lugar na sociedade.

Essas bonecas que habitam tempos e espaços sociais distintos dos nossos, enquanto objeto de arte, emergiram da realidade descartável dos brinquedos para dialogar com valor e a durabilidade afetiva individual e coletiva, abrindo janelas para um mundo imaginário que pode se comunicar com nossa criança interior, por meio de uma gestualidade essencialmente humana. Cada pedacinho delas traz detalhes de momentos, são retalhos de vida. Desejamos, portanto, que essa seja a essência da arte, pois cada boneca produzida tem sua individualidade particular, e que isso, seja respeitado como a essência de um trabalho artesanal e artístico. Bonecas negras não são somente para que as crianças negras se sintam identificadas e representadas, mas também, para evidenciar a importância de representação de todos os seres

humanos com suas diferentes características físicas, sociais, culturais e históricas, evidenciando sua existência e importância na cultura histórica e lúdica infantil.

Assim, vejo meu vínculo com essas bonecas, como retalhos da minha felicidade. Eu como mulher negra com meio século, vivendo na bela e pacata cidade de Goiás, que teve a avó como lavadeira no Rio Vermelho e, em sua infância, nunca teve uma boneca de pano como brinquedo, agora a elaboração das bonecas é o que me proporciona o alento de vida e de felicidade, são as minhas companheiras de vida e de noites produtivas, criativas de uma profunda intersubjetividade. A cada boneca pronta entregue a uma criança ou adulto, são transmitidas memórias, conhecimentos, amizades e amor. Atualmente, em um mundo de alegria, vive essa mulher que a cada dia se reinventa com tecidos, linhas, botões e encantamentos. Buscando cada dia construir a sua identidade e seu lugar na sociedade costurando e eternizando seus momentos felizes.

Concluo que a boneca de pano na minha vida, foi a forma que encontrei de autoconhecimento, auto respeito e inclusive de ver o outro e aprender a respeitar as diferenças eternizando seus momentos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1190/bonecas-karaja-novo-patrimonio-cultural-brasileiro>. Acessado em: 20, janeiro de 2021.

COUTO, Mara Solange Veloso. **Boneca de pano**. [Entrevista concedida a] Marcelene Divina de Souza Camargo Cardoso. Na íntegra em anexo. 2021.

CORALINA, Cora. **Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha**. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2001.

FERRAROTI, F. **Sobre a autonomia do método biográfico**. In: NÓVOA, António; FINGER, M. (Orgs). O método (auto) biográfico e a formação. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

FERREIRA, Marcela. **A lenda das bonecas Quitapesares, figuras que aliviam os sofrimentos**. Disponível em: <http://marcellaferreira.com/2019/07/27/vasalisa/> Acessado em: 18 de dezembro de 2020.

FERREIRA, Marleide. **ABAYOMI: “AMARRANDO OS NÓS DA CULTURA AFRODESCENDENTE”** Monografia de Curso de Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS: Porto Alegre, 2018.

FONTELE, Maria Felix. **Somos Todas Marias, tecelãs universais da vida – MARIAS**. Disponível em: <https://www.xapuri.info/homenagem/mulheres-marias-tecelas-da-vida>. Acessado em: 16, outubro de 2020.

GOES, Macao e SELIGMAN, Graça. **Que boneca é essa? Corte e recorte de mestras brasileiras**. Brasília: Instituto Terceiro Setor, 2013.

GOMIDE, Cristina Helou. **Antiga Vila Boa de Goiás – Experiências e Memórias na/dá Cidade Patrimônio**. São Paulo: 2007.

MULLER, Claudia. Bonecas **Abayomi: símbolo de resistência, tradição e poder feminino**. Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/>. Acessado em 18/12/2020.

MUSEU Antropológico da UFG. Disponível em: <https://museu.ufg.br/n/131211-nota-de-pesar-pelo-falecimento-de-komytira-karaja>. Acessado em 30/01/2021.

OLIVEIRA, Flavio Gomes. **Patrimônio Imaterial, História oral e stop-motion: animação de “Maria Grampinho”**. Cidade de Goiás-GO: UnB, 2018.

PARENTE, Mercês. **Boneca de pano**. [Entrevista concedida a] Marcelene Divina de Souza Camargo Cardoso. Na íntegra em anexo. 2021.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003: 56).

SAPIENZINSKAS, Aline. **De Bonecas, Flores e Bordados: Investigações Antropológicas no campo do artesanato** em Brasília. Disponível em: <http://www.danunb.br/imagens/doc/tese_081.pdf> Acesso em: 26, set. 2020.

SILVA, Telma Camargo da. **“Modos de fazer Boneca Karajá, circulação de conhecimento e a construção do território”**. Vivência. UFRN/CCHLA, N. 28, PP. 57 – 73. 2005.

SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima. **Boneca de pano**. [Entrevista concedida a] Marcelene Divina de Souza Camargo Cardoso. Na integra em anexo. 2021.

SIQUEIRA, Mariana de Lima. **De pássaros e infância Maria**. Filme 18min. Direção e roteiro: Mariana de Lima Siqueira. Produção executiva: Rosa Berardo. Produção: José do Carmo Siqueira. Goiás, 2015.

SOUZA, Roselne Santarosa. **Descobrimo o Lugar da boneca de pano na cultura lúdica brasileira**. In: Encontro da ABRAPSO, XV, 2009, Maceió. Anais do XV Encontro ABRAPSO. Maceió: Universidade Federal de São João Del-Rei, UFSJ, 2009. p1-p9.

_____. **Um estudo ator-rede sobre a boneca de pano: costurando narrativas de artesãs das cidades mineiras de Barbacena, Antônio Carlos e São João Del-Rei**. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de São João Del-Rei - UFSJ, Minas Gerais, 2012.

VALDEZ, Diane. **O que teria na trouxa de Maria?** Ilustrações: Alda Miriam Ribeiro. 4ª reimpr. Goiânia: Cânone Editorial, 2016.

_____. **Boneca de pano**. [Entrevista concedida a] Marcelene Divina de Souza Camargo Cardoso. Na integra em anexo. 2021.

ANEXOS

Meu nome é Marcelene Divina de Souza Camargo Cardoso, sou artesã, bonequeira e graduanda do Curso de Licenciatura em Artes Visuais pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG - Campus Cidade de Goiás. Diante da finalização do curso decidi pesquisar a ressignificação da imagem de Maria Grampinho como personagem cultural da Cidade de Goiás por meio da criação de uma boneca de pano que represente a personagem com maior valorização simbólica e, apresentar esse tema como Trabalho de Conclusão do Curso. Entre os autores selecionados para a pesquisa, nos deparamos com sua obra bibliográfica “O que teria na trouxa de Maria?”; pois, além de contar a história de Maria, que viveu na contravisualidade, nos leva a reflexões sobre o mistério existente por trás da trouxa que Maria carregava pelas ruas da cidade. Sendo assim, gostaria de contar com sua colaboração quanto a responder as questões abaixo.

Agradeço desde já sua colaboração,

Marcelene Divina de Souza Camargo Cardoso.

1. Nome completo

Diane Valdez

2. Profissão

Professora

3. Como nasceu a ideia de sua obra “O que teria na trouxa de Maria”?

Quando vi, pela primeira vez, a trouxa da Maria Grampinho junto com sua foto, no Museu Casa de Cora. Quase minha mão saiu do meu corpo para abrir a trouxa que, certamente, não podia ser tocada. Naquele encontro, tive a certeza que escreveria sobre a Maria;

4. Que motivos levaram a interessar-se por Maria Grampinho e contar sua história?

Vários motivos, entre estes:

Na infância, sempre tive fascínio por pessoas que moravam na rua. Elas sempre me pareciam livres, sem regras, sem normas, construía na minha cabeça um imaginário de liberdade, não de pobreza, violência, dor etc. Na minha rua, tinha uma mulher que vagava com um tanto de cachorros, falando alto, intimidando as pessoas e falando

palavrões. Achava-a demais! Queria ser igual ela, amedrontar as pessoas e não precisar tomar banho, além de ter um monte de cachorros;

Maria Grampinho tinha uma trouxa, que parecia ser a casa dela, a trouxa inspirava mistério e inspirava uma história. A pergunta: *O que teria na trouxa de Maria?* nasceu antes da escrita da história;

Maria era negra, parecia não ter importância para a cidade, era motivo de chacotas, provocações, indiferenças, caridade cristã etc. Queria visibilizá-la, queria que ela se tornasse a personagem central de um livro sobre uma cidade Patrimônio Cultural da Humanidade. Era ela o patrimônio humano. Era ela quem mostraria a cidade para as crianças. Seria ela mais importante que a cidade, mais relevante que as gentes brancas que faziam a história da cidade;

5. O que direcionou a escolha de Maria Grampinho como personagem principal para a produção de sua obra?

Foi uma escolha política, social e cultural, para [tentar] dizer que todas as pessoas que vivem em uma cidade, fazem parte da história da cidade. Não só quem aparece, que é visibilizada por fazer parte de uma elite, todas as pessoas são importantes em uma cidade, inclusive as pessoas que são escondidas, que são consideradas inferiores, que são consequências da injustiça social, da pobreza, da miséria, do racismo, como era Maria!

6. Sua obra agrega valores relacionados à cultura, questões sociais e históricas? Quais?

Sim, creio que toda literatura traz valores implícitos, ou explícitos, nas letras e nas páginas, ainda que estes valores sejam ambíguos e contraditórios. Quando optei por escrever uma obra sobre uma mulher abandonada pelo Estado e pela sociedade, não há como se desvincilhar das questões sociais construídas historicamente, seja pela etnia, uma mulher negra, como também pela questão social, a pobreza que gera o abandono. A cultura traz as cores de Maria, seus grampos que seguram seu cabelo, seus botões que enfeitam sua frágil vida, a trouxa que carrega sua história. Ela é a própria cultura da exclusão, que normaliza a pobreza e a violência, tornando a vida de

uma mulher nas ruas, não algo ruim, mas sim, algo “exótico”, anedótico e suportável. A história de Maria, é a história de abandono, mas também é a história social de quem é pobre e parece “não merecer” dignidade e cuidado.

7. Como você imagina uma boneca de pano da Maria Grampinho?

Uma boneca da Maria, pode ter vários formatos, pois a Maria não era uma coisa só, ela era vestida de panos coloridos, costurava seus botões, se enfeitava com grampos e tinha uma trouxa grande que transportava sua história. Talvez, vários formatos de Marias, vários tamanhos, que tragam um pouco de sua história. Que saia da tradicional boneca única, mas que seja surpreendente para que crianças, e não crianças, a tenham em casa, seja onde forem as casas!

8. Existe uma mensagem específica que pretende levar aos leitores da obra? Qual?

Não, pois se eu, como autora, determinar uma “mensagem específica”, já estou dizendo como quem lê o livro deve se portar. Quem é leitor/a deve fazer sua leitura com o que lhe pertence, ler e ver as imagens, como desejar, sem ser induzido a pensar o que a autora deve ter pensado quando escreveu a obra. O mais bonito de uma obra escrita pela gente, é a subjetividade, o que cada pessoa, criança ou adulta, pode fazer do que a gente escreveu. Suas leituras... pois quando o livro sai das mãos da gente, não nos pertence mais, pertence a quem está lendo, e isso é fabuloso, pois cresce enormemente os olhares sobre o livro!

9. Sobre Maria Grampinho, existe alguma outra informação, que considere importante ser inserida nesse trabalho?

Já considero gigante um trabalho científico do curso de Licenciatura em Artes Visuais, de uma instituição pública como o Instituto Federal de Goiás da Cidade de Goiás [IFG], se ocupar e privilegiar a história de Maria Grampinho! Por isso, penso que é possível seguir olhando para ela com cuidado, com afeto, com desejos de divulgar a sua história de forma bonita, considerando-a uma pessoa que fez, e faz, parte da história da cidade. Eleve a Maria, erga-a na altura que ela merece!

Desejo, imensamente, Marcelene, que faça um bom trabalho, e conte comigo se precisar de mais alguma coisa!

Um grande abraço!

A handwritten signature in dark ink, reading "Diane Valdez". The signature is written in a cursive style with a long, sweeping horizontal line extending from the end of the name.

Diane Valdez

Cidade de Goiás, 28 de janeiro do ano de 2021

Meu nome é Marcelene Divina de Souza Camargo Cardoso, sou artesã, integrante do projeto Ascoralinas, bonequeira e graduanda do Curso de Licenciatura em Artes Visuais pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG - Campus Cidade de Goiás. Diante da finalização do curso decidi pesquisar a ressignificação da imagem de Maria Grampinho como personagem cultural da Cidade de Goiás por meio da criação de uma boneca de pano que represente a personagem com maior valorização simbólica e, apresentar esse tema como Trabalho de Conclusão do Curso. Como integrante da equipe criadora do projeto Ascoralinas, que faz parte da minha pesquisa, nos deparamos com seu trabalho como idealizadora e coordenadora do mesmo. Sendo assim, gostaria de contar com sua colaboração quanto a responder as questões abaixo.

Agradeço desde já sua colaboração.

- 1- Nome completo: Ebe Maria de Lima Siqueira
- 2- Profissão: Professora
- 3- Como nasceu a ideia do projeto Ascoralinas?

O Projeto Mulheres Coralinas foi criado prioritariamente para atender as mulheres artesãs, doceiras e quitandeiras e teve como participantes mulheres garis e mulheres professoras. Todas são mulheres que participam da economia da Cidade de Goiás. As mulheres artesãs colocam a força criadora nas mãos, transformando a matéria informe em artesanias de bordados, bonecas, jarros, potes e tantos outros utilitários e objetos estéticos. Esses saberes das mãos amalgamam experiências dos mais velhos, narrativas da tradição, fazeres, que passam de mãe para filha e têm sido meio de subsistência para famílias que aprendem a vida em torno do tecido a ser bordado, do barro a ser modelado. Da mesma forma, esses saberes das mãos continuam nas mulheres doceiras e quitandeiras. De rica tradição na Cidade de Goiás, os doces e as quitandas envolvem um fazer que passa de geração a geração e foram e são a economia de muitos grupos de família. Simbólico na vida de Cora Coralina, pois quando retornou à Goiás, em 1956, sua visão de mulher empreendedora e à frente de seu tempo, percebeu que o turismo poderia ser fonte de renda e começou a comercializar doces, as doceiras e quitandeiras de Goiás desempenham uma função na economia produtiva do Município. As mulheres garis, numa visada de olhar a partir do lugar que é Patrimônio Cultural da Humanidade, são, antes de tudo, cuidadoras e guardiãs do patrimônio histórico e arquitetônico da Cidade de Goiás, zelando pela sua manutenção e conservação. Elas participam ativamente e integram o patrimônio da humanidade que proporcionou a Vila Boa o reconhecimento pela láurea da UNESCO. Ainda, as mulheres garis são, antes de tudo, trabalhadoras da saúde pública, que, ao retirar o lixo das ruas e becos, asseguram a limpeza pública, contribuindo com a saúde da população. Já as mulheres professoras, ao se responsabilizarem pela transmissão do saber,

participam da formação do ser humano. São artesãs da palavra, que transferem o que sabem e se inscrevem no movimento de ensinar e aprender. Todas são mulheres às quais damos o adjetivo coralinhas, porque, assim como a poetisa, representam aquelas que lutam para construir a cidade justa por meio do trabalho, por meio dos seus fazeres.

Sabemos que quando a mulher tem o poder de decisão sobre suas vidas, elas o têm também sobre seus corpos e podem influenciar os acontecimentos em sua comunidade e seu país. Por meio da capacitação de mulheres artesãs, doceiras e quitandeiras, garis e professoras, possibilitou-se com a criação do projeto a articulação das cadeias produtivas e do conhecimento geridas e/ou integradas por mulheres. A articulação entre produção artesanal, leitura, patrimônio cultural e atividades turísticas e culturais permitiu ao grupo de mulheres integradas ao projeto, lançar um novo olhar para a ampliação da igualdade de oportunidades de gênero.

Vivemos em uma sociedade capitalista que oportuniza caminhos e alternativas a quem detém o capital. Razão pela qual o incentivo à autonomia econômica, ao empreendedorismo das mulheres com vistas à inserção no mercado de trabalho é um caminho viável para a independência feminina. Nesse sentido é que consideramos que foi fundamental propor um projeto que promovesse a autonomia intelectual, econômica e financeira das mulheres e a educação estética, considerando as dimensões étnico-raciais, geracionais, regionais e de deficiência. A criação do Projeto Mulheres Coralinhas surgiu no primeiro ano da administração da Prefeita Selma Bastos,(2013) como uma alternativa para tratar com equidade uma parcela significativa da sociedade, que sempre produziu, mas, que ao longo do tempo, ainda tem seu trabalho destituído de nobilidade, com pouco reconhecimento e com dificuldades de entrada no mercado.

4- Quais foram os principais desafios vivenciados durante esse trajeto em relação a produção de bonecas de pano?

O maior desafio do projeto, no tocante à confecção de bonecas, foi o de criar uma identidade para as bonecas que seriam confeccionadas. De forte tradição nas famílias das classes populares, a elaboração de bonecas de pano ainda não era feita em Goiás de forma comercial com identidade própria. As bonecas encontradas no comércio local não traziam traços que marcassem o seu lugar de origem, sendo que, muitas delas, pareciam ser compradas de artesãs de outras localidades.

5- Quais habilidades considera fundamentais para ser uma bonequeira de sucesso?

A primeira coisa é gostar do que se faz. Depois, procurar especializar-se nas técnicas para dar um bom acabamento às peças. Ser profissional e dedicar-se com afinco a fazer o diferencial na arte da feitura das bonecas.

6- A produção de bonecas de pano, das integrantes do projeto Ascoralinas, agrega valores relacionados à cultura, questões sociais e históricas? Quais?

A concepção do Projeto, na sua origem, é valorizar os saberes tradicionais. Nesse sentido, foi fundamental buscar na cultura local elementos de inspiração para a elaboração das primeiras bonecas. Para isso, lemos muitos textos literários e pesquisamos personalidades marcantes da comunidade vilaboense.

7- Existe uma identidade própria na produção dessas bonecas? Qual?

Durante as pesquisas para a inspiração levantamos algumas personagens que eram marcantes na poesia de Cora Coralina tais como o Jardineiro Vicente, os Meninos Verdes, a Maria Grampinho e as imagens da própria poetisa Cora Coralina e da poetisa Leodegária de Jesus. A boneca de Leodegária também foi muito estimulada na tentativa de tirar do anonimato essa importante intelectual ainda pouco conhecida entre os vilaboenses.

8- Considera que a boneca de pano ainda faz parte da infância contemporânea?

A boneca de pano é uma tecnologia lúdica que nunca será superada porque guarda uma história de afetividade e singeleza. Mesmo que não existam bonequeiras profissionais, sempre haverá uma mãe ou avó amorosa, que se disporá em fazer com as próprias mãos o objeto do desejo de meninas e meninos, que já nascem com instinto da maternagem e paternagem.

9- Que características considera importantes para fazer parte de uma boneca de pano que represente a Maria Grampinho?

Representar uma figura que fez parte da história de uma cidade será sempre uma responsabilidade muito grande. Há uma expectativa de que se consiga destacar os traços principais que definem a personagem que se quer representar. Com Maria Grampinho, entretanto, a responsabilidade se agiganta uma vez que ela é uma mulher negra, que viveu em condições de vulnerabilidade em um tempo em que menos ainda se fazia pela população em condição de rua. Portanto, fazer uma representação descuidada e tosca apenas repetiria o descaso que foi destinado à ela, enquanto viveu. Nesta perspectiva, as orientações que foram passadas nas oficinas de confecção de bonecas é que as bonequeiras procurassem positivar a imagem da mulher Maria da Purificação. Mostramos às bonequeiras que o mesmo rigor estético que tivessem com a confecção da boneca que retrataria a poetisa Cora Coralina, deveria ser seguido com a boneca de Maria Grampinho. Pesquisamos fotografias, quadros, livros e filmes que de alguma forma também construíram representações de Maria da

Purificação, conhecida como Maria Grampinho. Sabíamos que algumas lojas de artesanato da cidade produziam pesos de porta representando a andarilha. O que perguntamos às mulheres inscritas no módulo da confecção de bonecas é se elas também fariam uma boneca de Cora para ser peso de porta. O que tentamos ressaltar como elemento que deveria estar presente para garantir a identidade para essa personagem, seria destacar o seu gosto pela estética da bricolagem. Ter presente as tiras de pano, os botões, bambinelas, argolas, coisas que revelem na boneca produzida o desejo de se enfeitar, de criar a sua própria moda, que nos parece ser o que marcou a vida dessa mulher cheia de enigmas e, por isso mesmo, tão encantadora para os olhos nas crianças e dos adultos que ainda não formataram o seu gosto em um padrão único de beleza.

10- Sobre Maria Grampinho, existe alguma outra informação, que considere importante ser inserida nesse trabalho?

Penso que seria muito importante anexar uma cópia da certidão de nascimento da Maria da Purificação neste trabalho sobre Maria Grampinho. Um fato que merece reflexão é o fato de o espaço em que se declara a cor, nesse documento, estar em branco. Por que não assentar no documento que Maria da Purificação era uma mulher negra? O que essa lacuna nos diz não só sobre Maria da Purificação mas sobre todo o processo de eugenia imposto à população brasileira? Confeccionar uma boneca de Maria Grampinho respeitando seus traços identitários de afro-brasileira é uma forma de dar a visibilidade que ela merece e de não repetir as situações de discriminação que lhe foram impostas no tempo em que ela viveu perambulando pelas ruas da Vila Boa de ontem.

Cidade de Goiás, 30 de janeiro de 2021.

Local e data



Ebe Maria de Lima Siqueira

1- Nome completo: Mara Solange Veloso Couto

2- Profissão: Cirurgiã-Dentista e Artesã

3- Como nasceu a ideia de trabalhar com bonecas de pano?

Durante anos fui apaixonada pelo artesanato e as bonecas de pano me trazem uma realização pessoal muito grande. Sempre gostei de pesquisar este mundo encantado e me tornei uma estudiosa em técnicas. Resolvi ser uma empreendedora no ramo criando novos projetos e ferramentas de trabalho. Trabalho no designer de bonecas e comercializo livros e revistas.

4- Quais foram os principais desafios vivenciados nessa carreira?

Ao me tornar uma empreendedora no mercado do artesanato, tive como maior desafio a contratação de uma funcionária. No início realizei contratações indevidas e tive muitos aborrecimentos. Outro desafio foi perceber que o artesanato é desvalorizado como negócio.

5- Quais habilidades considera fundamentais para ser uma bonequeira de sucesso?

Pra ser uma bonequeira de sucesso é importante ter uma identidade própria e acreditar em suas capacidades.

6- Sua produção de bonecas agrega valores relacionados à cultura, questões sociais e históricas? Quais?

Sim, já confeccionamos e apresentamos bonecas com deficiências físicas, bonecas sem cabelo representando as crianças com câncer, bonecas religiosas e de inclusão social.

7- Existe uma identidade própria em suas bonecas? Qual?

Sim, bonecas de pano com a cabeça em gomos e com penteados com a técnica da Feltragem a Seco, bem como as modelagens com recortes especiais para as roupas das bonecas.

8- Hoje, suas bonecas se tornaram um ponto turístico da cidade, como isso aconteceu?

Temos uma Casa de Bonecas em Caxias do Sul – RS e recebemos inúmeras visitas, inclusive de outros estados. Mas não considero um ponto turístico.

9- Considera que a boneca de pano ainda faz parte da infância contemporânea?

Sim, E este fato fica bem claro ao presenciar o valor que as crianças e também os adultos tem dado para as bonecas de pano.

10-Existe uma mensagem específica que pretende levar as pessoas que adquirem suas bonecas? Qual?

A mensagem é que devemos sempre acreditar em nossos sonhos e seguir em frente, pois não vale desistir! O Feitiço é ser Feliz!

11-Pode citar alguma informação sobre a boneca de pano, que considere importante ser inserida nesse trabalho?

A representatividade das bonecas de pano para a mulher. Ocorre um resgate da criança presente no seu interior. Um sentimento de felicidade.

Entrevista com Mercês Parente,

Meu nome é Marcelene Divina de Souza Camargo Cardoso, sou artesã, bonequeira e graduanda do Curso de Licenciatura em Artes Visuais pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG - Campus Cidade de Goiás. Diante da finalização do curso decidi pesquisar a ressignificação da imagem de Maria Grampinho como personagem cultural da Cidade de Goiás por meio da criação de uma boneca de pano que represente a personagem com maior valorização simbólica e, apresentar esse tema como Trabalho de Conclusão do Curso. Nos conhecemos em 2018 durante uma mesa redonda sobre artesanato no IFG, campus Cidade de Goiás. Na pesquisa para esse trabalho final nos deparamos com a informação de que é possuidora de uma grande coleção de bonecas de pano. Sendo assim, gostaria de contar com sua colaboração quanto a responder as questões abaixo.

Agradeço desde já sua colaboração.

1- Nome completo: **Maria das Mercês Torres Parente**

2- Profissão:

Servidora pública aposentada, pesquisadora nas áreas de políticas públicas em patrimônio cultural, arte popular e artesanato. Produtora cultural.

3- Você tinha boneca de pano na sua infância?

SIM, tudo o que tínhamos no Piauí. Todavia em 59 ganhamos, minha irmã e eu, presente de Natal, o que havia de mais sofisticado na época, uma boneca de celulose.

4- Como nasceu a coleção de bonecas de pano em sua vida?

Não classifico como coleção, mas sim como trajetória de vida. Na bagagem da mudança de Teresina para Brasília, novembro de 61, cada um escolhia o que trazer, na minha veio a boneca de celulose e algumas “bruxas de pano”, assim designadas. Posteriormente, na Cidade Inventada, chegaram as de papel. Ganhei da minha madrinha de Crisma a mais moderna existente, de madeira, com um conjunto de roupas com ímã que possibilitava as trocas. Também comprava, as de papel, na banca de revista. Eu desenhava minhas próprias. Guardo ainda o conjunto de bonecas, papel e pano com as quais sobrinhas e netas brincaram.

5- Que motivos levaram a interessar-se por esse objeto lúdico?

Não há motivo... naturalmente infância, disponibilidade, acesso, afeto... guardar era natural, caixa de memória.

6- O que te motiva na hora da aquisição da boneca?

Passada a fase da infância, jovem, muito jovem, militei no universo da cultura popular e movimentos políticos. Fiz “Escola Normal”, ludicidade, educação, contexto social, memória e Paulo Freire amadureceram meu olhar. Enxergar o mundo nos contextos culturais onde se faz o conhecimento, a cultura, a existência.

7- Fale um pouco da sua coleção, quantas bonecas você tem e cite as três mais importantes?

Não é coleção, é memória afetiva, instante, estética, materiais, presente, contextos. Cada uma é uma. Acho que são 30,45, 50... não é quantidade. Não há hierarquia de afeto. Importante?! todas são...

8- Existe uma mensagem específica que guarda em alguma delas em especial? Qual?

Cada uma com seu cada qual... todavia há mais ou menos 10 anos ganhei uma Frida Kalo, não sei que artesã produziu, creio que é do Rio Grande do Sul. Chegou pelas mãos de minha sobrinha/afilhada, Manu Parente, trazendo a materialização da minha índole libertária, de luta, resistência e existência em forma de boneca.

Uma artesã de Nova Olinda/CE (Irenica Macedo de Freitas) criou Mercezinha, minha mais perfeita tradução!

Frida e Mercezinha, mais que perfeitas, tomam o mundo viajando juntas, transformam e disseminam liberdade, autonomia. Irmãs siamesas... No isolamento social, tempos nebulosos que vivemos, são as melhores companhias.

9- Considera que a boneca de pano ainda faz parte da infância contemporânea?

Sim. No Brasil profundo ainda existem. Nas feiras do Nordeste são comuns. Elas estão vivas, vejam a publicação “que boneca é essa? corte e recorte de mestras brasileiras”, Macao Goes e Graça Seligman – Brasília Instituto Terceiro Setor, 2013.

A indústria de outra maneira estimula com moldes e materiais, basta consultar as páginas do Google. Surgem outras linguagens, a exemplo das “fashion” bonecas Tilda, conceito do norueguês Tone Finnager.

10- Sua coleção agrega valores relacionados à cultura, questões sociais e históricas? Quais?

Nada intencional. Inicialmente, infância, ludicidade e brinquedo acessível financeiramente. Trouxe na bagagem algumas do Piauí, em 61, quando migramos para Brasília, como citado no início. Na adolescência passa a ter outra dimensão, quando entro em movimentos de cultura popular e políticos. Curso a Escola Normal e tomo consciência do Método Paulo Freire, cultura em outra dimensão. No curso Comunicação na Universidade de Brasília, onde se consolidam conhecimentos e o direcionamento da minha vida profissional no sentido da cultura popular, artesanato, folclore, patrimônio e memória... enfim o universo da cultura. Quanto a questões sociais e históricas, não sistematizadas, trago bonecas que personalizam os contextos: família, religiosidade, folguedos, remetidos ao acervo hereditário, emocional, afetivo, lúdico e contemporâneos a partir dos espaços que transito no universo da cultura. Muita emoção e intuição o ato de possuir uma “bruxa de pano” é afetivo e materializa o exato instante que o objeto “boneca” penetra a retina e se aloja ou aconchega nas minhas mãos.

11-Que características você considera importante para ser inserida na boneca de pano que representará a Maria Grampinho?

Não ousaria propor elementos estéticos, todavia andando pela Cidade de Goiás, nos anos 80, quando trabalhava na extinta SUDECO (Superintendência de Desenvolvimento da Região Centro Oeste), passei uns dias convivendo com Cora Coralina e consequentemente tive oportunidade, a distância, sentir os silêncios e mistérios contidos em sua existência.

Com certeza se fosse dar palpite diria, não gosto de umas bonecas que vi ano passado (2020) quando estive na Cidade de Goiás. Bonecas com ar infantil e os únicos elemento identitários eram a pele

negra, os rajes com botões e cabelos com os grampos. Reproduziria com a idade avançada, com todos os elementos estéticoa expressos nos adereços das roupas e do cabelo além do que carrega como trouxa, matula, fardo contendo seu silêncio e seus mistérios.

Acrescentaria etiqueta com o poema de Cora Coralina, preferencialmente impresso com grafia de letras cursivas agregando valor afetivo, simbólico e cultural.

12-Existe alguma informação sobre a boneca de pano, que considere importante ser inserida nesse trabalho?

Não me ocorre por não ter acesso ao conjunto do texto. Todavia além do universo e sentido contido na essência do objeto souvenir, folclórico, infantil ou do lúdico, do uso como brinquedo e brincadeira há o psicanalítico e o terapêutico, onde bonecas são usadas como ferramentas.

Brasília 26 de janeiro de 2021.



Maria das Mercês Torres Parente



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.
Departamento de Áreas Acadêmicas
Câmpus Cidade de Goiás

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, de uma pesquisa.

Meu nome é **Marcelene Divina de Souza Camargo Cardoso**, sou a pesquisadora responsável, meu e-mail é marceleneartes@gmail.com; minha área de atuação é Artes Visuais. Após receber as informações e esclarecimentos importantes a seguir e, no caso de aceitar fazer parte desse estudo, assine ao final desse documento. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA

A pesquisa intitulada **De Maria à Boneca de Pano**, tem por objetivo a ressignificação da imagem de Maria Grampinho como personagem cultural da Cidade de Goiás por meio da criação de uma boneca de pano que a represente, com maior valorização simbólica. Um dos meios de geração de dados dessa pesquisa será feito por intermédio de entrevistas. Apesar de não haver nenhum desconforto para os participantes, será necessário o dispêndio de algum tempo para responder o questionário da entrevista. É garantido ao entrevistado o direito de não responder perguntas que considerar inadequadas ou impertinentes ao assunto abordado. O entrevistado concede a pesquisadora responsável o direito de anexar a pesquisa em seu Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Artes Visuais pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG - Câmpus Cidade de Goiás. O participante tem garantia expressa de liberdade, podendo se recusar a participar ou retirar seu consentimento até a data de trinta de janeiro de dois mil e vinte e um, sem penalização alguma.

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA

Eu, **Diane Valdez**; RG **6639761** PC/GO, CPF **366.486.551-00**, abaixo-assinado, concordo em participar da pesquisa **De Maria à Boneca de Pano**. Declaro que fui devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora **Marcelene Divina de Souza Camargo Cardoso** sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação.

A handwritten signature in dark ink, reading "Diane Valdez", with a long horizontal flourish extending to the right.

Diane Valdez

Cidade de Goiás, 28 de janeiro de 2021

Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.
Departamento de Áreas Acadêmicas
Câmpus Cidade de Goiás

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, de uma pesquisa.

Meu nome é **Marcelene Divina de Souza Camargo Cardoso**, sou a pesquisadora responsável, meu e-mail é marceleneartes@gmail.com; minha área de atuação é Artes Visuais. Após receber as informações e esclarecimentos importantes a seguir e, no caso de aceitar fazer parte desse estudo, assine ao final desse documento. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA

A pesquisa intitulada **De Maria à Boneca de Pano**, tem por objetivo a ressignificação da imagem de Maria Grampinho como personagem cultural da Cidade de Goiás por meio da criação de uma boneca de pano que a represente, com maior valorização simbólica. Um dos meios de geração de dados dessa pesquisa será feito por intermédio de entrevistas. Apesar de não haver nenhum desconforto para os participantes, será necessário o dispêndio de algum tempo para responder o questionário da entrevista. É garantido ao entrevistado o direito de não responder perguntas que considerar inadequadas ou impertinentes ao assunto abordado. O entrevistado concede a pesquisadora responsável o direito de anexar a pesquisa em seu Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Artes Visuais pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG - Campus Cidade de Goiás. O participante tem garantia expressa de liberdade, podendo se recusar a participar ou retirar seu consentimento até a data de trinta de janeiro de dois mil e vinte e um, sem penalização alguma.

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA

Eu Ebe Maria de Lima Siqueira, RG 940080982 / CPF 40160971187, abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa **De Maria à Boneca de Pano**. Declaro que fui devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora **Marcelene Divina de Souza Camargo Cardoso** sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação.

Cidade de Goiás, 30 de janeiro de 2021.
Local e data



Assinatura por extenso da participante



INSTITUTO FEDERAL
GOIÁS

Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.
Departamento de Áreas Acadêmicas
Câmpus Cidade de Goiás

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, de uma pesquisa.

Meu nome é **Marcelene Divina de Souza Camargo Cardoso**, sou a pesquisadora responsável, meu e-mail é **marceleneartes@gmail.com**; minha área de atuação é Artes Visuais. Após receber as informações e esclarecimentos importantes a seguir e, no caso de aceitar fazer parte desse estudo, assine ao final desse documento. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA

A pesquisa intitulada **De Maria à Boneca de Pano**, tem por objetivo a ressignificação da imagem de Maria Grampinho como personagem cultural da Cidade de Goiás por meio da criação de uma boneca de pano que a represente, com maior valorização simbólica. Um dos meios de geração de dados dessa pesquisa será feito por intermédio de entrevistas. Apesar de não haver nenhum desconforto para os participantes, será necessário o dispêndio de algum tempo para responder o questionário da entrevista. É garantido ao entrevistado o direito de não responder perguntas que considerar inadequadas ou impertinentes ao assunto abordado. O entrevistado concede a pesquisadora responsável o direito de anexar a pesquisa em seu Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Artes Visuais pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG - Câmpus Cidade de Goiás. O participante tem garantia expressa de liberdade, podendo se recusar a participar ou retirar seu consentimento até a data de trinta de janeiro de dois mil e vinte e um, sem penalização alguma.

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA

Eu, Yara Salange Veloso Pinto,
RG M2.8713755-1/GO /CPF 709635506-59, abaixo assinado,
concordo em participar da pesquisa **De Maria à Boneca de Pano**. Declaro que fui devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora **Marcelene Divina de Souza Camargo Cardoso** sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação.

Goias do Sul 27 / 01 / 2021.
Local e data

Yara Salange Veloso Pinto
Assinatura por extenso da participante



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.
Departamento de Áreas Acadêmicas
Câmpus Cidade de Goiás

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, de uma pesquisa.

Meu nome é **Marcelene Divina de Souza Camargo Cardoso**, sou a pesquisadora responsável, meu e-mail é marceleneartes@gmail.com; minha área de atuação é Artes Visuais. Após receber as informações e esclarecimentos importantes a seguir e, no caso de aceitar fazer parte desse estudo, assine ao final desse documento. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA

A pesquisa intitulada **De Maria à Boneca de Pano**, tem por objetivo a ressignificação da imagem de Maria Grampinho como personagem cultural da Cidade de Goiás por meio da criação de uma boneca de pano que a represente, com maior valorização simbólica. Um dos meios de geração de dados dessa pesquisa será feito por intermédio de entrevistas. Apesar de não haver nenhum desconforto para os participantes, será necessário o dispêndio de algum tempo para responder o questionário da entrevista. É garantido ao entrevistado o direito de não responder perguntas que considerar inadequadas ou impertinentes ao assunto abordado. O entrevistado concede a pesquisadora responsável o direito de anexar a pesquisa em seu Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Artes Visuais pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG - Campus Cidade de Goiás. O participante tem garantia expressa de liberdade, podendo se recusar a participar ou retirar seu consentimento até a data de trinta de janeiro de dois mil e vinte e um, sem penalização alguma.

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA

Eu, **Maria das Mercês Torres Parente**, RG **186.823/SSP/DF** /CPF **059 571 921-04**, abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa **De Maria à Boneca de Pano**. Declaro que fui devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora **Marcelene Divina de Souza Camargo Cardoso** sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação.

Brasília 26 de janeiro de 2021

Maria das Mercês Torres Parente